



# Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!  
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

## Literatura



Joaquim Manuel de Macedo  
*Romance de uma velha*



**Iba Mendes Editor Digital**

[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

*Romance de uma velha*  
Joaquim Manuel de Macedo

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

---

A data da publicação original é imprecisa.

Livro Digital nº 864 - 1ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

**Joaquim Manuel de Macedo**

**(1820 – 1882)**



**Iba Mendes Editor Digital**

**[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)**

# PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia  
Livros... livros à mão cheia...  
E manda o povo pensar!  
O livro caindo n'alma  
É germe — que faz a palma,  
É chuva — que faz o mar.*

**Castro Alves**

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

\*\*\*

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: [iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com), a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

\*\*\*

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

\*\*\*

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

**Iba Mendes**

# ROMANCE DE UMA VELHA

## COMÉDIA EM CINCO ATOS



### PERSONAGENS:

VIOLANTE

PORFÍRIO

CLEMÊNCIA

AUGUSTO

IRENE

LEOPOLDO

ACROBATA

POLIDORO

BRAZ

LAURIANO

CASIMIRO

TIMÓTEO

MÁRIO (criado)

Multidão – concurso de senhoras e cavalheiros.

*A ação da comédia se passa na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1869.*

### ATO I

*Chácara em um dos arrabaldes da cidade do Rio de Janeiro: Jardim espaçoso, que parece estender-se para o lado direito, onde fica em meio elegante casa, de que aparece a varanda de colunas e com escada para o jardim; ao lado esquerdo, gradil e portão de ferro, que abre para a rua; bancos de relva; perto do portão, cadeiras rústicas.*

### CENA I

*Violante, em luto aliviado trajando decentemente, mas fora da moda, e trazendo touca a antiga e óculos fixos; Braz, vestido com igual decência, mas sem pretensões a elegância. Vem ambos conversando para o lado do portão; logo depois Casimiro, no maior apuro da moda, de luvas e bengalinha, desce da varanda.*

VIOLANTE

No outro tempo não era assim! por fim de contas tudo está mudado.

BRAZ

Tudo, madrinha; e para no-lo provar basta um espelho *et coetera*.  
(*Sentam-se*) Como Casimiro vem *chic*!

VIOLANTE (*a Casimiro e depois de benzer-se*)

Estás de ponto em branco, e trazes uma gravatinha que te assenta, como a minha touca assenta-ria na cabeça de tua filha.

CASIMIRO

Vou dar um curto passeio e volto já para tomar café.

VIOLANTE

Vais ver a nossa vizinha? para velho tens bom gosto; mas Deus te perdoe a intenção.

BRAZ

Não apoquente o rapaz, madrinha! anda, Casimiro, aproveita a mocidade.

CASIMIRO

Também tu?...

BRAZ

Defendo a nossa causa; nascemos no mesmo ano, quando o Brasil subiu a reino, descemos ou nos fizeram descer para este vale de lágrimas: 1815! meio século e mais quatro anos só! é a estação das flores! Vai ver a bela vizinha, rapaz.

VIOLANTE

Por fim de contas das três uma: ou namoras por vaidade, ou queres casar, ou pretendes seduzir.

CASIMIRO

Escolha à sua vontade qualquer das hipóteses.

BRAZ

Que suave condescendência! ouviu, madrinha? ele está por tudo; aceita a linda vizinha em todas as hipóteses.

VIOLANTE

Se namoras por vaidade, caís em cheio no grotesco: um velho namorando uma menina, o inverno rendendo finezas à primavera, é como...

BRAZ

É como um general brincando com bonecas, e um frade barbadinho dançando a polca... entretenimentos inocentes...

CASIMIRO

Então casa-me?

VIOLANTE

Viúvo, com dois filhos, e tendo cinquenta e quatro anos, se casasses com uma menina de dezoito, merecerias que a própria noiva no fim de poucos meses te desse de palmatória.

BRAZ

*Et coetera, madrinha, et coetera.*

CASIMIRO

Resta a sedução: arvore-me em Fanblau ou em Casanova.

VIOLANTE

É nos *casas velhas* que a sedução se mostra mais perversa e imperdoável. Por fim de contas, Casimiro, toma cuidado: quem tem telhado de vidro, não atira pedradas.

CASIMIRO

Não a entendo.

BRAZ

Nem pode entender: pois se a madrinha está falando em português!

VIOLANTE

Lembra-te de Clemência, que também é donzela e pobre.

CASIMIRO

Mas, graças a meus desvelos, perfeitamente educada. É capaz de pô-lo em dúvida?

VIOLANTE

Sou.

BRAZ

Magnífico!

CASIMIRO

E esta? Violante, você é a mais impertinente das velhas.

VIOLANTE

Clemência é boa menina por dotes que deve à natureza; tu, porém, deste-lhe uma educação que faz pena; preparaste nela uma boneca e não uma senhora, um atavio de sociedades e não um tesouro do lar doméstico; não a ornaste, afeitaste-a; e por fim de contas tomaste-a joia falsa, resplendendo por fora, como diamante, e valor intrínseco nulo. Nem ao menos a ensinaste a amar a Deus; mas, em compensação, ela parece amar o próximo desesperadamente.

CASIMIRO

Que quer dizer, Violante?

VIOLANTE

Clemência aceita a corte de quantos lha querem fazer, e sorri a todos os mancebos; é verdade que por fim de contas ela tem bonitos dentes.

CASIMIRO



Minha filha sabe ser agradável sem comprometer-se.

VIOLANTE

Cumpria que fosse mais recatada. As donzelas devem ser como as flores cultivadas em estufas.

CASIMIRO

Para irmãs de caridade? nós cultivamos essas flores ao ar livre da boa sociedade. Você é um anacronismo vivo: quer que tudo se passe como no tempo do rei.

VIOLANTE

Se dirigiu mal a filha, ao filho muito pior.

CASIMIRO

Vamos lá: que acha em Mário?

VIOLANTE

É um vadio: está abandonado à mãe dos vícios, à ociosidade; aos vinte e três anos de idade Mário só se ocupa de andar trocando as pernas.

CASIMIRO

Há um ano que me empenho por obter para ele um emprego no tesouro ou na alfândega; isso, porém, hoje é tão difícil!

VIOLANTE

O irmão da vizinha não é empregado público e sustenta a mãe e a irmã com o seu trabalho.

BRAZ

Mas não tem a honra de sentar-se à mesa do orçamento; é um original que com a vacina do trabalho independente preservou-se da emprego-mania. Casimiro é sábio. Mário deve andar trocando as pernas até que o governo lhe dê, à custa do Estado, um par de muletas.

CASIMIRO

Não os posso sofrer mais: vocês entendem-se admiravelmente: nasceram um para o outro: foi pena não se terem casado... Vejam se ainda é tempo.

VIOLANTE

Antes uma boa morte.

BRAZ

De acordo, madrinha. (*Casimiro sai pelo portão*)

## CENA II

*Violante e Braz.*

VIOLANTE

Por fim de contas no meu tempo não era assim.

BRAZ

A madrinha dá forte e rijo, mas há de cansar. Casimiro é incorrigível, e nesta casa toda a família padece, porque a cabeça desatina: eu já cansei de ralhar; a madrinha também há de cansar.

VIOLANTE

Não hei de; sou teimosa, cumpro meu dever, e agora tenho privilégio.

BRAZ

Privilégio? para ralhar?

VIOLANTE

Sim; enquanto fui pobre, se tivesse vindo morar com eles, creio que seria bem tratada; mas a campainha das minhas censuras acabaria por aborrecê-los, e eu me curvaria à imposição de silêncio; prudente, deixei-me sempre na companhia do meu bom tio e padrinho, e hoje, e desde quatro meses rica herdeira de quinhentos contos de réis por morte desse meu segundo pai, são eles, meu irmão e sobrinhos, que

moram comigo, e a velha celibatária elevou-se a irmã e tia veneranda com direito de dizer tudo quanto lhe vier à cabeça.

BRAZ

Anda por aí boa dose de injustiça: Casimiro e seus filhos nunca a esqueceram nem a desamaram.

VIOLANTE

Agora, porém, adoram-me... por fim de contas...

BRAZ

Alto lá, madrinha! fui triste enjeitado que seus pais adotaram e educaram, e a lembrança do benefício não me permite ouvir levantar aleives ao filho e aos netos de meus pais de adoção: são uns cabeças de vento, mas corações de ouro sem liga.

VIOLANTE

Sabes que os amo; não confio porém no juízo deles, e a prova é que não foi a Casimiro, e sim a ti que entreguei a administração dos meus bens e a guarda da minha riqueza.

BRAZ

Deus sabe se teve razão: só o futuro lhe poderá dizer que imenso miolo de hipocrisia e de egoísmo se esconde por baixo desta bonita casca fisionômica.

VIOLANTE

Por fim de contas farei a experiência.

BRAZ

Pois que me preferiu a seu irmão legítimo, que é um velho gaiteiro, mas homem honrado, merecia que, em minha qualidade de procura-dor de causas, eu aproveitasse na administração da sua fortuna a lição do epigrama de Bocage. Ah! mal pensa no que fez e ao que se expôs! a madrinha não sabe o que vai pelo mundo; a falta de dinheiro tem desenfreado a sagrada fome, *sacra fames auri*, que é coisa nunca vista; olhe há uma epidemia de pouca vergonha, um

frenesi de viver à custa alheia, uma *cholera-morbus* de velhacaria *et coetera, et coetera*, que a cidade do Rio de Janeiro está cheia de... *et coetera*, madrinha, *et coetera*.

VIOLANTE

Pões-me tonta.

BRAZ

E é para tontear! quero dizer que em caso de epidemia ninguém é atacado por sua vontade: as gentes não são de ferro, e a madrinha, confiando-me a gerência da sua riqueza, expôs-me cruelmente ao contágio epidêmico.

VIOLANTE

Tens língua de serpente, Braz; mas fala-me sério: o mundo chegou deveras a tanta baixaza?

BRAZ

Sim, madrinha; o mundo subiu a essas alturas.

VIOLANTE

Santo Breve! no meu tempo não era assim.

BRAZ

Era; cada época tem suas moléstias sociais; no nosso tempo de outrora havia deformidades que horrorizavam; o meu tempo de hoje é outra coisa: é uma estragação que faz gosto! à parte a epidemia reinante, de que há pouco falei, brilham os costumes com todo o esplendor da lua da civilização em quarto minguante e com todo o impulso do progresso em andar de caranguejo.

VIOLANTE

Por fim de contas...

BRAZ

As idades se confundem: salvas as exceções importunas, os meninos vão para a escola pendurados em grandes charutos, e marcam as

lições com as cartinhas das namoradas; os jovens fumam ao *lasquet*, instruem-se no alcazar, e ceiam em colégios noturnos; os velhos agarram-se à mocidade postiça e no furor de remoçar tropeçam no ridículo e jogam as cambalhotas, como na infância; é o mundo às avessas: não acha que tem sua graça?

VIOLANTE

E as senhoras?

BRAZ

São invioláveis e sagradas; para mim elas fulguram pela irresponsabilidade. Não tenho notícia de costumes censuráveis, de educação falsa, e de erros de senhoras, que não provenham da influência masculina; na vida social os homens fazem-se, as senhoras são feitas; por consequência, pecado de senhora, penitência ao homem. Mas... não atassalhemos a sociedade: eu gosto de dar à língua; porém, a justiça deve começar por casa: a madrinha quer cortar na pele dos seus parentes?

VIOLANTE

É o teu ofício: mãos a obra!

BRAZ

Que tem que dizer de Casimiro? estaria rico, se não fosse esbanjador; mas que quer? há duas paixões em moda: é pecar no sexto e ainda em outro dos mandamentos da lei de Deus, e é regra de bom gosto que, quanto mais velho, mais pecador. Como Casimiro há tantos!...

VIOLANTE

É desmoralização! aqueles que deviam ensinar com o seu exemplo...

BRAZ

E ensinam, a pecar pelo menos. Mário não cuida em outra coisa: namora, joga, extravagância, e disse: não; faz mais: passeia em cavalo de raça que é a ocupação das suas horas vagas.

VIOLANTE  
E Clemência?

BRAZ

Inviolável e sagrada; para que lhe deram o nome de Clemência? não tem culpa de ser muito clemente; asseguram-lhe todos que é formosa; ora, o trabalho e a fadiga são nocivos à formosura, e, portanto, ela passa os dias a limpar e a delgaçar as unhas que usa crescidas, como a imperatriz da China; o pai se ufana de vê-la realçar-se nas sociedades; é lógico pois que ela despenda com vestidos e enfeites muito mais do que o vaidoso está no caso de gastar com a filha. Eu não vejo que censurar em Clemência.

VIOLANTE

Hás de repetir tudo isso diante deles.

BRAZ

Seria a milésima edição de uma obra, de que não se tivesse vendido um só exemplar das novecentas e noventa e nove; mas vire agora a folha e leia no verso: Casimiro é um negociante modesto, porém honradíssimo; Mário é generoso e sensível; Clemência é honesta, paciente e de ótimo caráter na vida doméstica; são três anjos pelos corações que parecem três diabos pela falta de juízo.

VIOLANTE

Por isso ralharei até rebentar ou corrigi-los.

BRAZ

Tratarei de preparar o meu luto; porque a madrinha rebenta.

VIOLANTE

Braz, é deles que hoje me preocupo; há na vida três idades: a idade em que se vive pelos outros, a idade em que se vive com os outros, a idade em que se vive para os outros; estou nesta última: aos sessenta e dois anos chegaram-me as nozes, quando já não tenho dentes; a minha riqueza é apenas um depósito, pertencerá a vocês mais tarde.

BRAZ

Que tentação! madrinha, não repita isso, que faz calafrios... as cócegas da herança são capazes de fazer-me ir conversar com algum químico sem consciência.

VIOLANTE

Ainda não fiz testamento.

BRAZ

É o que lhe vale: declaro-me inofensivo provisoriamente.

VIOLANTE

O gracejo é de mau gosto.

BRAZ

Gracejo! o caso é muito sério e os dois animais mais sérios deste mundo são o burro e o dinheiro; creio que foi por isso que se chamou burra a arca pecuniária.

VIOLANTE (*vendo Clemência*)

Até que enfim.

### CENA III

*Violante, Braz e Clemência, vestida com exageração da moda.*

BRAZ

Amanheceu.

CLEMÊNCIA

Engana-se; a hora é quase do crepúsculo da tarde. (*Chega ao portão*)

BRAZ

Segue-se que me enganei na hora; mas não me enganei com o Sol: sinto que o crepúsculo preceda apenas ao ocaso.

CLEMÊNCIA

Não se aflija; há sóis que brilham também de noite. (*Senta-se*)

VIOLANTE

Modéstia até aí! Clemência, o Braz está se divertindo contigo: tu mesma, se te julgasses formosa, como o Sol, não levarias tanto tempo a enfeitar-te diante do espelho.

CLEMÊNCIA

Que erro! só as feias fogem do espelho. O toucador tem encantos!... é claro que não falo de mim; quando, porém, uma moça bela e gentil, em pé, defronte do espelho, se embevece, contemplando a sua imagem, ao mesmo tempo que com suave e preguiçoso pente alisa as ondas de seus formosos cabelos, e admira o contraste da negrura deles com o marfim de seus ombros magníficos, e sorri de indizível satisfação que ainda se exalta com o reflexo da graça do seu riso, do mimo da sua boca, da brancura e pureza de seus dentes, da flama celeste, irresistível do seu olhar... é claro que não falo de mim... criatura feliz, privilegiada, rainha de corações... oh! o tempo corre e ela o não sente... as horas passam no gozo do êxtase... da bem aventurança da consciência... oh! o espelho é tão doce!... tão embriagador!... tão feiticeiro!... titia, às vezes eu fico aí presa manhãs... tardes inteiras...

BRAZ

É claro que ela não fala de si.

CLEMÊNCIA

Só conheço um enlevo igual a esse.

VIOLANTE

Juro que não será ocupação séria.

CLEMÊNCIA

É o baile, titia.

BRAZ

Ao menos é expansiva e franca: então o baile...



CLEMÊNCIA

É a festa do amor e o triunfo da beleza; o baile é a liça ruidosa e fulgurante das senhoras que se disputam a primazia, combatendo-se com os olhos, com os sorrisos, com as graças do semblante, com a gentileza do corpo, o espírito e as prendas, com os brilhantes que ofuscam, com o *bouquet*, com o leque delicado que perguntam e respondem, e então... a mais bela... não falo de mim, repito; a mais bela suspira surpreendida pelo fim da noite que voara, e em que ela esquecerá o passado, e não pensará no futuro excitada pela música, arrebatada pela valsa, embriagada de incensos, aturdida de elogios, soberana de escravos, ídolo de admirações, ensurdecida pelos hinos, e feliz, imensamente feliz, porque a luz da sua beleza resplandeceu como a flama do incêndio, deixando o fogo em vinte ou mais corações...

VIOLANTE

Misericórdia! por fim de contas no meu tempo não era assim.

CLEMÊNCIA

Era, titia; ou no seu tempo não havia moças.

BRAZ

Mas em último caso o que dá de si o baile?

CLEMÊNCIA

Dá antes de tudo o gozo do que chamam vaidade, que é a poesia da vida da moça bela e gentil. A vaidade! falem de nós os senhores que morrem por comendas, títulos, grandezas, e que põem em guerra a humanidade para serem ministros de estado só pelo gosto de trazerem ordenanças atrás dos carros: a vaidade! que seja vaidade; a nossa é menos nociva.

BRAZ

Concordo, menina, concordo, palavra de honra; mas além da satisfação da vaidade...

CLEMÊNCIA

No baile a mulher procura, e acha, ou pode achar a realização da sua única esperança de futuro, o amor, e pelo amor um marido apaixonado...

BRAZ

Bravo! um amor violento, porque desenfreia na valsa, suave, porque engoma contradanças, e cheio de fogo, porque recorre aos sorvetes, que nunca faltam no baile!

VIOLANTE

Amor e marido apaixonado a compasso de música! não de ser bons: prefiro o meu tempo, em que as donzelas se casavam pelo juízo dos pais; hoje em dia as moças casam-se pelo cálculo dos noivos, quando são ricas, ou por vento de felicidade rara, quando Deus permite.

CLEMÊNCIA

Que blasfêmia! é duvidar do poder da beleza, e descrer a influência dos anjos humanos.

BRAZ

Pois eu digo que a madrinha tem razão; a civilização e o progresso material mataram o amor, pelo menos na cidade do Rio de Janeiro; perdão... eu vou demonstrá-lo. O amor é uma espécie de sistema representativo, porque sem oposição degenera em água morna; o amor vive de desejos contrariados, de esperanças duvidosas, de saudades agrídoces; tem o seu encanto no mistério, a sua força nos obstáculos, o seu brilho na adversidade; adora o segredo das negociações pendentes, como um ministro dos negócios estrangeiros; maldiz da luz e da publicidade, como um chefe de polícia, e salta por cima do direito e das leis, quando isso lhe faz conta, como o poder executivo.

CLEMÊNCIA

E depois disso...

BRAZ

A civilização e o progresso acabaram com todos esses elementos da vida do amor; para a saudade não há mais distâncias separadoras, por causa das estradas de ferro; o doce mistério de uma cartinha amorosa não se observa mais: os namorados vão ao *Jornal do Comércio* e escrevem para todos lerem: “C... Adoro-te sempre; hoje à tarde espera-me à janela, e me verás passar no meu cavalo baio; guarda-me a primeira valsa no baile do barão; não quero que dances com o moço de bigodes: teu louco apaixonado... E.” Já vê? o amor caiu na publicidade dos anúncios a seis vinténs por linha, e manifesta-se a pataca e meia.

CLEMÊNCIA

Está gracejando...

BRAZ

Dantes os lampiões a azeite deixavam à noite recantos escuros, onde o amante esperava ansioso o recado ou a resposta da amada; hoje veio a iluminação a gás e dissipou as sombras amigas; dantes os pais escondiam as filhas, e alguns minutos de confiança secreta eram raros favores devidos à astúcia ou ao acaso; hoje um moço e uma moça tratam do que chamam de amor, em casa, no baile, no teatro, no passeio, sem cuidados, nem cerimônias, e exatamente como dois agiotas que na praça do comércio ajustam ações de uma empresa, de que eles próprios desconfiam; por consequência...

CLEMÊNCIA

Há de ser curiosa a conclusão!

BRAZ

Por consequência o amor, o verdadeiro amor, privado dos seus elementos de vida e de estímulo, desertou, fugiu para longe da cidade do Rio de Janeiro, onde tomou-lhe o lugar o cálculo enfeitado pela cortesia; não há mais amantes, há calculistas; não há mais amadas, há calculadas.

CLEMÊNCIA

Então... atualmente o amor...

BRAZ

É uma operação de aritmética.

CLEMÊNCIA

A beleza, as graças, o merecimento de uma senhora...

BRAZ

São agradáveis orações incidentes no período gramatical do casamento.

CLEMÊNCIA

E a oração principal?

BRAZ

O dinheiro: prova irrecusável; o Sol tem já vinte anos de idade, e ainda não conseguiu casar.

CLEMÊNCIA

Porque ainda não quis escolher.

BRAZ

Pois escolha, e se alguma lua minguante com um dote avultado lhe disputar o escolhido, verá que, apesar da luz do Sol, fica solteira.

CLEMÊNCIA

O senhor calunia a sociedade e ofende a formosura; titia, frequente comigo os bailes e o teatro, e verá o desmentido eloquente.

VIOLANTE

Não... não... perguntariam e saberiam quem sou... e chegariam ao conhecimento da minha herança de quinhentos contos de réis...

CLEMÊNCIA

Que importa isso?

VIOLANTE

Não quero expor-me a roubar-te os namorados.

CLEMÊNCIA (*desatando a rir*)

Ah! ah! ah!

BRAZ

Não ria; juro que a madrinha seria sua rival preferida por muitos.

CLEMÊNCIA (*rindo-se mais*)

Ah! ah! ah!...

BRAZ

Preferida, mostrando-se mesmo de touca e óculos, como está.

CLEMÊNCIA (*rindo cada vez mais*)

Ah! ah! ah!

VIOLANTE

Estás me provocando!

CLEMÊNCIA

Que extravagante ideia!

BRAZ

Caso de aposta...

VIOLANTE

Braz... se não fosse o ridículo!

BRAZ

Vale a pena pela lição.

VIOLANTE

Aposto.

BRAZ

Designa o seu mais ardente apaixonado! (*A Clemência*)

CLEMÊNCIA

Um é pouco: designarei... (*Pensando*) três, não bastam?

VIOLANTE

Que batalhão tem ela!

CLEMÊNCIA

E quem perder a aposta?

VIOLANTE

Recolher-se-á ao convento da Ajuda por dois anos; eu farei todas as despesas perca quem perder.

CLEMÊNCIA

Aceito, reservando-me o direito de perdoar.

BRAZ (*pondo a mão no ombro de Clemência*)

Coitada da recolhida!

#### CENA IV

*Violante, Braz, Clemência e Mário.*

MÁRIO

Titia! (*Beija a mão a Violante*) Senhor Braz! (*Aperta a mão de Braz*)

CLEMÊNCIA

Vens de má cara. (*Aperta-lhe a mão*)

MÁRIO

Fui a um almoço dado à Ristori; antes lá não fosse, éramos trinta os festejadores do gênio... e dos trinta vinte e nove titulares, comendadores, ou filhos de barões e viscondes, de homens altamente condecorados... a única exceção fui eu...

BRAZ

Desataste a chorar.

MÁRIO

Eu tenho ideias... declarei-me republicano; era um recurso...

BRAZ

E chamam tolo ao Mário!

MÁRIO

Tolo?... mas isto não deve continuar assim; é indispensável que nos enobrecemos, para que eu não torne a ser exceção, e para que Clemência case com algum titular, ou pelo menos capitalista rico.

CLEMÊNCIA

Obrigada; não preciso...

VIOLANTE

Como porém se há de improvisar a tua nobreza, cabeça de vento? nossa família foi sempre honrada, mas nem de longe tem cheiro de fidalguia; meu avô foi alfaiate, e com fama de boa tesoura...

MÁRIO

Ninguém mais se lembra dele, e a tia, em vez de recordar essa desconsolação, bem podia resolver o problema.

VIOLANTE

Como?

MÁRIO

Que falta lhe fazem dez ou doze contos de réis? com eles dados ao tesouro meu pai ficava em quinze dias barão da guerra, ou barão do hospício...

BRAZ

Mas o teu republicanismo?

MÁRIO

Deixei-o no almoço; a titia há de pensar na hipótese; agora tenho outros cuidados. Clemência, é imprescindível que eu depene o jardim... preciso de um cesto de flores... consentes?

CLEMÊNCIA

Que há?

MÁRIO

Uma atrocidade. Certa súcia, indigna quadrilha de perversos, pretende esta noite patear a mais bonita dançarina do alcaçar; é verdade que ela dança horripelantemente; mas é o mesmo: os habitués de bom gosto vão defendê-la, e haverá chuva de flores, e tempestade de murraças; não posso faltar.

CLEMÊNCIA

É parvoíce e escândalo brigar por semelhante gente.

MÁRIO

Não é da tua conta; quero um cesto de flores.

VIOLANTE

Não há de ir.

MÁRIO

Hei de ir, titia; é ponto de honra. Clemência, manda depenar o jardim... dois cestos não serão demais... até já... vou ver Hipogrifo...

## CENA V

*Violante, Braz, Clemência, Mário (que ia sair e volta), Casimiro, Irene e Lauriano; logo depois criado que traz o café, de que todos se servem.*

BRAZ (*a Mário*)

Não vais ver o Hipogrifo?

MÁRIO (*a Braz*)

Esta moça é até capaz de fazer-me esquecer o meu cavalo.



CASIMIRO

Trago para o jardim a rainha das flores.

*(Cumprimentos de todos)*

MÁRIO *(a Lauriano)*

Disseram-me que o folhetim da Reforma sobre as últimas corridas do Prado saiu da sua pena?

LAURIANO *(a Mário)*

Um rude ensaio... não entendo da matéria... desculpe o folhetim.

MÁRIO *(a Lauriano)*

Ao contrário, admirável! obrigadíssimo por Hipogrifo!

CLEMÊNCIA *(a Lauriano)*

Li o seu folhetim, e gostei muito; obrigada por Mário.

CASIMIRO *(a Irene)*

Espanta-me que eles possam pensar em outra coisa que não seja a sua formosura!

IRENE *(a Casimiro)*

O senhor teima em zombar de mim. *(Trocando um olhar com Mário)*

VIOLANTE *(a Braz)*

Braz, no meu tempo não era assim; por fim de contas olha a cara desfrutável de Casimiro.

BRAZ *(a Violante)*

No seu tempo não era assim; mas era de outro modo, que vinha a dar na mesma coisa.

CLEMÊNCIA *(levando Irene pelo braço)*

Dona Irene, você passa a noite conosco?

IRENE (*a Clemência*)

Não posso; Lauriano tem trabalho urgente, e minha mãe não permite que eu fique sem ele.

CLEMÊNCIA (*a Irene*)

Além da felicidade da sua companhia, só você, ficando conosco, poderia conseguir obstar uma grande imprudência...

IRENE (*a Clemência*)

Qual?

CASIMIRO (*indo a Irene*)

Protesto contra o monopólio; Clemência não tem o direito de usurpar-nos dona Irene. (*Traz Irene a sentar-se e conversa com ela*)

MÁRIO (*a Braz*)

Não acha que meu pai está caindo no ridículo? (*A Lauriano*)  
Magnífico folhetim! venha amanhã à tarde visitar Hipogrifo.

CLEMÊNCIA (*a Lauriano*)

Dá-nos a sua companhia esta noite? esperamos algumas famílias amigas: o seu sacrifício será mais suave.

LAURIANO (*a Clemência*)

As famílias que espera serão por certo muito amáveis; mas só por quem tão cativadora me fala o sacrifício é não poder ficar.

CLEMÊNCIA (*a Lauriano*)

Sei que trabalha assíduo, e que hoje tem apressada tarefa, mas eu sou egoísta, e apraz-me experimentar o que mereço; demore-se aqui até a meia-noite, ainda que depois trabalhe até o romper da aurora.

LAURIANO (*a Clemência*)

Se eu chegasse a acreditar que o deseja!

CLEMÊNCIA (*a Lauriano*)

Gosto de ser déspota: ordeno.

LAURIANO (*a Clemência*)

E o escravo obedecerá feliz.

VIOLANTE (*a Braz*)

O que observo me põe a cabeça à roda. (*A todos*) É quase noite... porque não entramos?...

(*Levantam-se todos*)

CLEMÊNCIA (*a Irene*)

Seu irmão fica; é necessário que Mário não nos deixe, esta noite haverá desordem no alcaçar, e ele quer ir...

IRENE (*a Clemência*)

Desordem... no alcaçar?... pois não há sempre?... (*A Mário*) Quando há novas corridas, Sr. Mário?

MÁRIO

Daqui a dois meses... Vossa excelência irá ao Prado?

IRENE

Desejo muito; Lauriano prometeu levar-me.

MÁRIO

Sublimizarei Hipogrifo...

IRENE (*mais baixo*)

Sinto-me ditosa, porque vou passar a noite em sua casa...

MÁRIO (*a Irene*)

Logo esta noite... quando um ponto de honra me aparta...

IRENE (*a Mário*)

Ah!... perdão... não ousou pedir-lhe a preferência de algumas horas que me aditariam... sei bem que pouco valho...

CASIMIRO (*a Braz*)

Mário tem tomado uns modos tão inconvenientes que começa a desagradar-me... não reparas!

BRAZ (*a Casimiro*)

Estou vendo... é claro que ele gosta da vizinha; pendor da família!

IRENE (*a Mário*)

Se eu tivesse poder sobre o senhor, exigiria que ficasse...

MÁRIO (*a Irene*)

Exige de um soldado a deserção na hora da batalha! esperam-me, dona Irene; palavra de honra que contam comigo...

CASIMIRO

Não vais hoje ao alcaçar, Mário?

MÁRIO (*a Braz*)

Já viu esta?... (*Alto*) Não, senhor; hoje passo a noite em casa: meu pai quer o meu bilhete?...

CASIMIRO

Esqueces que hoje a noite é de recepção, adoidado?

MÁRIO

Ah! é verdade! mais uma razão para que eu não saia de casa.

VIOLANTE (*a Braz*)

Braz! Braz! por fim de contas no meu tempo não era assim.

*(Vão-se todos para a casa; Braz conduz Violante, Lauriano acompanha Clemência. Mário apodera-se de Irene, Casimiro de mau modo segue perto destes dois)*

## ATO II

*Passeio Público do Rio de Janeiro: ao fundo, o Outeiro dos Jacarés, tendo aos lados as escadas que dão subida para a varanda; nos planos até a frente, quanto se puder aproveitar, copiando o sítio.*

### CENA I

*Violante e Braz, Clemência e Augusto, Casimiro e Porfírio; até o fim do ato, concurso de passeadores de ambos os sexos.*

VIOLANTE

Quero descansar aqui por alguns minutos.

CASIMIRO

Liberdade plena; subo com Porfírio ao terraço... gosto muito da vista da barra. *(Segue com Porfírio)*

CLEMÊNCIA

Eu vou com o Sr. Doutor até a ponte rústica. *(Segue com Augusto)*

BRAZ

Cuidado não caia, dona Clemência: o corrimão da ponte está meio estragado.

AUGUSTO *(a Clemência)*

Aquilo é comigo.

### CENA II

*Violante sentada, Braz em pé.*

BRAZ

Aquele sujeito que acompanha Clemência é um dos três namorados da aposta.

VIOLANTE

Teimas em querer envolver-me em semelhante embrulhada?

BRAZ

A madrinha teve sempre queda para pregar peças; ensaie esta comédia; basta que se finja disposta a casar-se, que se mostre um pouco sensível, que... *et coetera... et coetera*.

VIOLANTE

Por fim de contas tenho sessenta e dois anos: é inverossímil.

BRAZ

Inverossímil! com quinhentos contos e depois dos cinquenta anos quanto mais velha mais noivos a escolher... pela regra das probabilidades...

VIOLANTE

Mas os três designados amam Clemência, apesar de pobre.

BRAZ

Não amam, namoram: a diferença é enorme.

VIOLANTE

Queres por força que eu me abaixe a parecer velha ridícula e néscia?

BRAZ

Por oito dias só: verá o ensino que daremos e a confusão que irá pela casa.

VIOLANTE

E no fim?

BRAZ

Haverá desengano de tolos e abatimento da vaidosa.

VIOLANTE

Braz, eu não gosto de brincar; quando, porém, me atiro à zombaria é como no tempo em que jogava o entrudo.

BRAZ

E assim é que deve ser; começaremos hoje, e aqui mesmo. (*A um homem que passa*) Humilde servo de vossa excelência

(*Cumprimentam-se*)

VIOLANTE

Quem é?

BRAZ

Um candidato a concordata próxima, ou a falência que deixa inteiro o quebrado: a madrinha não compreende? pois eu lho explico de modo tão lúcido que no fim da explicação ainda menos entenderá.

VIOLANTE

Ora venha mais essa.

BRAZ

Há quebrar, e quebrar; quebrar direito que deixa um homem sem serventia: é o infortúnio de banqueiros e negociantes honrados, a quem prejuízos inevitáveis e os desconcertos de muitos arrastam fatalmente para ruína imerecida: esses são uns patetas, que a sociedade castiga com o menos-cabo, porque ficam pobres; quebrar torto é outra coisa: é uma sorte de equilíbrio, em que o bom ginástico se entorta, fingindo cair para levantar-se mais direito. Entendeu?

VIOLANTE

Vou percebendo, Braz.

BRAZ

Pois é a estes que me refiro; concordata quer dizer a discordância afinada entre o devedor e os credores; falência quer dizer grande sobra realizada pela mágica da rebentação; exemplo: este meu amigo deve à praça mais de quatro mil contos e calcula suavemente com o sacrifício de quinze por cento para consolação dos credores; mas pode crer que ele fica inteiro depois de quebrado, e que por isso

a sociedade há de cumprimentá-lo com todo o respeito. (*A um velho e uma jovem que passam*) Escravo submisso da excelentíssima!... senhor comendador, sempre a remoçar!

(*Cumprimentam-se*)

VIOLANTE

A filha deste velho é bem bonita!

BRAZ

Vinte e um anos e sua esposa há dois.

VIOLANTE

Que!

BRAZ

O meu amigo comendador é menos velho do que parece; não lhe pesam os setenta anos que completou há oito dias; o santo homem é um pouco muçulmano: passando às suas quintas núpcias ao desposar aquela moça, nem por isso emendou-se dos costumes antigos; mudou de odalisca há três meses e entretém com prodigioso luxo uma menina de dezesseis anos, comprada à miséria de seus pais. Ah! esquecia-me de prevenir a madrinha que ele conta numerosos e jovens amigos.

VIOLANTE

E a pobre mulher?

BRAZ

Inviolável e sagrada: vive abençoando com ambas as mãos a odalisca, e tem um primo, Doutor em medicina, que receita ao velho marido passeios frequentes e distrações fora de casa.

VIOLANTE

Que língua envenenada!



### CENA III

*Violante, Braz, Clemência e Augusto.*

CLEMÊNCIA

A titia já viu o peixe boi?

VIOLANTE

Ainda não: vens apresentar-mo?

CLEMÊNCIA

O Sr. Braz pode encarregar-se disso: agora vou ao terraço ver o mar.

AUGUSTO

O mar?... é a imagem da inconstância: não se espelhe no mar.

*(Vão-se)*

### CENA IV

*Violante e Braz.*

VIOLANTE

E por fim de contas Casimiro como abandona assim a filha?...

BRAZ

Casimiro não abandona, confia a filha; ele tem mais que fazer, e nós também; reparou que Clemência trazia na mão um ramalhetinho de violetas?

VIOLANTE

Reparei...

BRAZ

Pois agora é o Dr. Augusto que o traz ao peito.

VIOLANTE

É escandaloso! de dia tão claro!... no meu tempo não era assim.

BRAZ

Já sei: no seu tempo era de noite que se davam os ramalhetes; mas daqui a pouco darei ao Dr. Augusto informações da madrinha; creio que logo depois um passeio pelo braço desse cavalheiro lhe fará bem, e... se a madrinha não for peca, o ramalhetinho de violetas será seu.

VIOLANTE

Isso tenta... Braz, penso que começa a desmoralizar-me.

BRAZ

Será uma vitória digna dos seus óculos e da sua touca.

VIOLANTE

Do meu dinheiro, queres dizer.

BRAZ

A palavra tem o seu pudor, disse Lamartine; eu respeito as conveniências. (*Vendo passar uma moça*) Olá! temos revolução no jardim! aí vai a Acrobata.

VIOLANTE

Que é a Acrobata?

BRAZ

Uma das vinte desmentidoras da moléstia da época; uma das vinte pestes que dão público testemunho da saúde perfeita da situação econômica. Brada-se por toda parte: "não há dinheiro!" oh! se há! e sobra tanto que as mãos cheias se atira no lenteiro.

VIOLANTE

Como é isso?

BRAZ

Como esta mais dezenove no galarim; carros com parelhas magníficas, cada dia novo e riquíssimo vestido, pérolas, brilhantes,

cinquenta contos por ano multiplicados por vinte mil contos dados ao culto do vício torpe, afora as ceias e orgias, afora a milenária escala da lubricidade, que vai descendo até a ralé da infâmia. E não há dinheiro! mentira; prova da menti-ra: a Acrobata pela vigésima parte.

VIOLANTE

Então... essa desgraçada criatura...

BRAZ

Delírio de solteiros e casados, de rapazes e de velhos; a Acrobata é o tipo da unidade, porque bebe, come, sonha, deseja e exige sempre uma coisa única – dinheiro; dá caridade, porque ama sem exceção e com perfeita indiferença a todos que lhe dão – dinheiro. A Acrobata é um prodígio; madrinha, subamos à varanda, acompanhemos a Acrobata.

## CENA V

*Violante, Braz, Leopoldo e Timóteo.*

TIMÓTEO (*a Leopoldo*)

O peixe boi saiu do lago para conversar com o Braz de Souza.

LEOPOLDO (*a Timóteo*)

Com efeito, é a velha mais horrível que tenho visto; é uma coruja monumental promovida pelo demônio a velha criatura humana.

BRAZ

Preclaríssimos amigos!

*(Cumprimentam-se)*

TIMÓTEO

Senhor Braz! minha senhora!

LEOPOLDO

Minha senhora! (*A Braz*) Como passou de ontem? adivinha-se...  
perfeitamente ditoso.

BRAZ (*apresentando*)

A Sra. dona Violante, irmã do nosso amigo Casimiro.

TIMÓTEO

Oh! minha senhora... tenho muita honra... (*Fala a Violante*)

LEOPOLDO (*a Braz*)

Mas... é um dragão de feia!

BRAZ (*a Leopoldo*)

Não me desanimes... estou apaixonado-me; onde a vês, é solteira  
ainda, e herdou há quatro meses de um tio e padrinho a  
insignificância de quinhentos contos de réis.

LEOPOLDO (*a Braz*)

Um! meio milhão! (*Olhando*) reparando-se bem, não é tão feia, como  
à primeira vista me pareceu; os óculos e a touca dão-lhe até certa  
graça...

VIOLANTE

Vamos, Braz. (*Cumprimenta aos dois*)

BRAZ (*aos dois*)

Até logo. (*Indo-se com Violante*) Já deixei um iscado.

VIOLANTE (*a Braz*)

Quem?

BRAZ (*a Violante*)

O de pince-nez: é dos três designados por Clemência. (*Vai-se com  
Violante*)

## CENA VI

*Timóteo e Leopoldo.*

TIMÓTEO

Ainda não vi a tua bela Clemência; mas a horrorosa tia nos garante o feliz encontro; a tia é a noite que precede a aurora.

LEOPOLDO

A noite... eu gosto da frescura da noite... porém a aurora não tarda a aparecer, e é bela como os amores...

TIMÓTEO

E leviana, inconstante, como as borboletas; olha, há mais namorados de Clemência do que candidatos ao trono de Espanha. Eu não me casava com ela.

LEOPOLDO

Nem eu; quem pensa em casamento! com uns cinquenta contos de réis de dote seria ouro sobre azul; mas pobre, como é, afigura-se-me um banco de emissão sem fundo de reserva metálico.

TIMÓTEO

E neste maldito tempo, em que andam todos à bolina, furtando o vento.

LEOPOLDO

É verdade, não há casa sólida; a minha começou, que era a quem mais caía com o mel! mas a estagnação do comércio! os sustos e as concentrações do Banco do Brasil, que dantes consolava a gente! a casa ainda vai bem, vai muito bem; mas se eu ajeitasse uma noiva que me enchesse os olhos com o dote, hein?

TIMÓTEO

Para que então perdes o teu tempo com Clemência?

LEOPOLDO

Ora! ela é que o perde comigo; eu divirto-me, namoro-a pela mesma razão porque vou ao teatro, ou ao circo da Guarda-Velha. Se ao menos a tia desse a quinta parte do que possui à sobrinha!

TIMÓTEO

Pois a tia é rica?

LEOPOLDO

Meio milhão!... quinhentos contos de réis de herança, diz o Braz.

TIMÓTEO

Meio milhão! é caso de bater bandeiras: quinhentos contos! que senhora de bem! vale quinhentas vezes mais do que a sobrinha!

LEOPOLDO

Se o Braz não mente, vale. Uma velha bem velha, se é rica, é preferível à moça mais formosa, precisamente porque é a precursora infalível da moça formosa.

TIMÓTEO

Não entendo: mas concordo pela regra da preferência.

LEOPOLDO

A moça tem longa vida diante de si e não morre nem a poder de ceias, de vigílias, de constipações, de indigestões, do diabo, e portanto significa um casamento sem probabilidade de viuvez; a uma noiva bem velha e bem rica enche-se de brilhantes, leva-se a todos os bailes e a todos os teatros, dá-se-lhe sorvetes quando o calor excita mais a transpiração, faz-se cear maionese, peru a Eglantine, fiambre e cabeça de porco, até que uma boa indigestão a livre dos trabalhos deste mundo, ficando o marido com o testamento que arranjou, e então ele se consola da morte da velha enfeitando-se com uma noiva moça e bonita... bem entendido, se a fortuna não lhe depara segunda velha ainda mais rica. Vamos procurar Clemência. (*Vão-se*)

## CENA VII

*Mário, Polidoro, logo a Acrobata e imediatamente Casimiro e Porfírio.*

POLIDORO

A Acrobata é bonita rapariga; mas eu prefiro o amor platônico e as emoções do *lasquenet*.

MÁRIO

Vai pois ver as damas dos teus baralhos, e deixa-me apanhar de surpresa a Acrobata, e na passagem tomar-lhe contas de certo logro.  
(*Oculto-se*)

POLIDORO (*afastando-se*)

Aí vem ela. (*Para e espera*)

ACROBATA (*a um mocinho que lhe sorri*)

Cresça e apareça.

CASIMIRO (*a Porfírio*)

Violante e Clemência nos seguem?

(*Polidoro faz debalde sinais a Mário*)

PORFÍRIO (*olhando para trás*)

Não.

(*Continuam os sinais de Polidoro*)

CASIMIRO (*quase junto da acrobata*)

Ficas esta noite em casa?

ACROBATA

Isso é conforme: em todo caso não dormirei na rua.

CASIMIRO

Vai passar pelo outeiro...

ACROBATA

Queres dar-me cerveja? (*Mário e Casimiro esbarram-se um com o outro*)  
Adeus, pequeno! (*Rindo-se*)

CASIMIRO (*a Porfírio*)

Evidentemente o Mário está muito desmoralizado!... começo a suspeitar que até me espia!

(*Desaparece a acrobata*)

MÁRIO (*a Porfírio*)

Meu pai está perdido: é de uma inconveniência que me vexa. (*Indo-se*)

POLIDORO

Já tinha idade para limitar-se ao *lasquet*.

(*Vão-se os dois*)

## CENA VIII

*Casimiro e Porfírio.*

CASIMIRO

O tratante vai sem dúvida encontrar-se com a Acrobata; não posso, não devo segui-la: seria indecoroso. Mas donde tira ele dinheiro, chave de ouro para abrir a porta do inferno daquele demônio?

PORFÍRIO

Ah! Casimiro! estas mulheres são perversas: na gíria dessas harpias os mocetões da nossa idade têm um nome horrível, um nome com cheiro de armazém de secos e molhados.

CASIMIRO

Que nome?

PORFÍRIO



Paços, a explicação tu sabes.

CASIMIRO

Mas a Acrobata é uma perdição... e demais está na moda... confesso-me doído por ela. Aquilo é uma centopeia de encantos!

PORFÍRIO

E a linda Irene?

CASIMIRO

Amor de outro gênero... loucura de outra espécie...

PORFÍRIO

E ela... vai-se abrandando... pendendo... caindo?

CASIMIRO

Exagera o recato: creio que é porque ainda não lhe falei em casamento.

PORFÍRIO

E que demora é essa tua?

CASIMIRO

Sabes que sou o modelo dos pais: hesito em dar madrasta a meus filhos.

PORFÍRIO

Quem diz que te cases? prometer não é cumprir. Irene, rapariga pobre, depois de seduzida julgar-se-ia feliz, tendo casa e tratamento sob a proteção e os cuidados do teu amor. Eu, apesar de casado, não tive dúvida em arranjar uma dessas distrações.

CASIMIRO

E a comadre?

PORFÍRIO

Consola-se com os filhos e nada lhe falta; aos cinquenta e dois anos perdeu o direito de opor embargos: é guarda nacional da reserva.

CASIMIRO

Ah! Porfírio! se ela te ouvisse...

PORFÍRIO

Rufa em casa, como um tambor; por isso ando sempre por fora; tu estás em melhores condições, és viúvo; faze o que te disse, Irene é uma economia, porque te fará esquecer a Acrobata.

CASIMIRO (*suspirando*)

Ah! seu eu fosse rico...

PORFÍRIO

Que farias?

CASIMIRO

Tomava ambas; eu adoro o belo sexo... é o meu fraco; todavia... pensarei no teu conselho... mas...

PORFÍRIO

Que é?

CASIMIRO

E o Sr. Mário eclipsou-se!

PORFÍRIO

Naturalmente: ele o sol, a Acrobata a lua, tu ficas sendo terra; deu-se o eclipse.

CASIMIRO

O que me espanta é a desmoralização da mocidade!

PORFÍRIO

Tens razão; porque os velhos, como nós, dão aos moços o exemplo da mais austera virtude; ora viva lá! sejamos francos: são os pais que deitam a perder os filhos, tem paciência, e vamos ver as moças.

*(Vão-se)*

## CENA IX

*Violante, Braz, Clemência, Augusto e Leopoldo.*

CLEMÊNCIA

Como são belos os cisnes! que colos majestosos!

LEOPOLDO

Há quem tenha mais admirável pescoço.

CLEMÊNCIA

Pode-se saber quem é?

LEOPOLDO

É segredo meu; mas todos os dias por mais de uma vez lho revelam.

CLEMÊNCIA

Já adivinhei; mas desconfio do revelador.

LEOPOLDO

Por quê?

CLEMÊNCIA

O meu espelho deixou-se corromper pela lisonja.

*(Conversam)*

BRAZ *(a Violante)*

O Doutor já está harpoadado: não perca tempo.

VIOLANTE *(a Braz)*

Por fim de contas vou entrar no fogo. (*Alto*) Clemência fica discorrendo sobre os colos dos cisnes, enquanto continuo a apreciar as reformas do Fialho.

BRAZ

Eis o meu braço madrinha.

VIOLANTE

Você nada me explica; apenas sabe maldizer do próximo: se o Sr. Doutor quisesse sacrificar dez minutos à minha companhia...

AUGUSTO

Oh, minha senhora! vossa excelência me transporta com esta distinção.

## CENA X

*Braz, Clemência e Leopoldo.*

BRAZ

A madrinha cometeu dois estelionatos; um contra mim, roubando-me o seu braço, outro contra dona Clemência, roubando-lhe o dr. Augusto.

CLEMÊNCIA

Está vendo que não posso queixar-me; minha tia somente me poupou a um embaraço de cortesia; o Sr. Leopoldo vai ter a bondade de mostrar-me o viveiro de plantas de Mr. Graziaux.

LEOPOLDO

Abençoada seja a minha fortuna!

*(Vão-se os dois)*

BRAZ

Também eu abençoo a minha fortuna, que me traz dali o meu amigo Polidoro.

## CENA XI

*Braz e Polidoro.*

POLIDORO

“Ela vai-se! e com ela vai minha alma!” amigo... (*Saúda*) que contraste!

BRAZ

Entre ela que vai-se e eu que fiquei?

POLIDORO

Não; eu me explico: tenho na vida duas paixões, a do amor platônico e a do *lasquet*; no *lasquet*, quando paro mais forte, é sempre nas damas; no passeio, no baile, cortejo por devoção a todas as senhoras.

BRAZ

Mas dona Clemência...

POLIDORO

A essa amo, adoro; porém não me interrompa; nunca pensei que houvesse dama que me fizesse recuar de medo, e hoje... aqui mesmo... ainda a pouco... misericórdia! sabe quem é a velha que vai pelo braço do Sr. Augusto?.

BRAZ

É dama de ouros.

POLIDORO

Como dama de ouros?

BRAZ

Irmã de Casimiro, minha preclara madrinha, feliz celibatária, a quem um tio legou há quatro meses a insignificante fortuna de quinhentos contos de réis.

POLIDORO

Olá!... então dona Clemência, como sobrinha, está em perspectiva de riqueza? bem o merece: é tão bela!

BRAZ

Qual! a velha é um verdadeiro tipo de avareza, complicada com a mania do casamento. Apesar de afilhado, acho-a medonha; mas meio milhão é dinheiro e já me apresentei candidato.

POLIDORO

E casa-se com ela?

BRAZ

Quem me dera! a velha imagina impedimentos por ser minha madrinha, e, tomando-me por agente e procurador de seus cabedais, rejeita-me como noivo. Há dois meses que me ferve o sangue por isso!

POLIDORO

É uma dama de página muito feia e verso muito bonito! quinhentos contos de réis... ah! eu já possuí cerca de cem, e em três anos perdi-os todos com as damas do baralho, e de fora do baralho; mas então eu não sabia os segredos do *lasquet*! ah, meu Braz! com meio milhão e bons parceiros, em um ano pode-se ganhar nem sei quantos milhões! a sua madrinha, não digo que seja horrível... digo... na verdade, aqui para nós, não é bonita; é, porém, sublime.

BRAZ

E... "Ela vai-se: e com ela vai minha alma!"

POLIDORO

Mas o senhor, que é o procurador, o *fac-totum* da... velha, tem as mãos sobre os quinhentos contos de réis...

BRAZ

Martírio de Tântalo! se eu não fosse afilhado! oh! antes não me tivessem batizado.

POLIDORO

E todavia o senhor não joga; não compreende as emoções do *lasquet*!

BRAZ

E que vem isto ao caso?

POLIDORO

É o caso de cem sortes a dobrar! eu amo doidamente a encantadora dona Clemência... mas...

BRAZ

É coisa sabida: conta-se com o casamento...

POLIDORO

Senhor Braz... a que horas pode ser procurado amanhã para negócio importante?... os amigos devem entender-se.

BRAZ

No meu escritório até às três horas da tarde.

POLIDORO

Quinhentos contos de réis... deveras?

BRAZ

Palavra de honra: quinhentos contos de réis e mais alguns quebrados que não chegam a um.

POLIDORO

Que idade tem a respeitável senhora?

BRAZ

Está quase a completar os sessenta e três.

POLIDORO

Não é absolutamente velha; pareceu-me que roçava pelos cinquenta; sem a touca e sem os óculos há de ganhar muito...

BRAZ

A mim se me afigura um anjo ainda mesmo de touca e óculos.

POLIDORO

Anjo de salvação é... Sr. Braz, amanhã ao meio-dia em ponto irei ao seu encontro.

BRAZ

Chiton.

## CENA XII

*Braz, Polidoro, Casimiro e Porfírio.*

CASIMIRO (*a Porfírio*)

Vês? também aqui não está; seguiu a Acrobata, positivamente é um rapaz de costumes pervertidos...

PORFÍRIO (*a Casimiro*)

Deixa-o aproveitar o seu tempo.

CASIMIRO (*a Porfírio*)

Mas por que diabo há de logo aproveitá-lo com a Acrobata?

BRAZ

Vejo que te aborrece o passeio: vens com fisionomia de logrado, a quem furtaram o relógio.

CASIMIRO

É isso pouco mais ou menos, mas onde estão as senhoras?... o tempo está se enfarruscando de repente.

BRAZ



Aí chega a primeira.

### CENA XIII

*Braz, Polidoro, Casimiro, Porfírio, Clemência e Leopoldo.*

*(Escurece rapidamente: começa a retirar-se a gente que concorrera ao Passeio)*

CLEMÊNCIA

A tia? que é dela?...

BRAZ

Ainda não voltou; o Dr. Augusto lhe está explicando as reformas do Fialho.

CASIMIRO

E o tempo vai a pior: temos aguaceiro certo.

CLEMÊNCIA

O povo começa a retirar-se: ainda bem que o nosso carro está à porta do jardim.

BRAZ

Eis a madrinha... e como vem alegre...

### CENA XIV

*Braz, Polidoro, Casimiro, Porfírio, Clemência, Leopoldo, Violante e Augusto.*

VIOLANTE *(chegando-se a Clemência e cheirando o ramalhete de violetas)*  
Como é suave o perfume das violetas! gostas dele Clemência?

BRAZ *(a Clemência)*

Que ingratidão! derrota número primeira.

CLEMÊNCIA (*a Braz contrariada*)

Como? não ouvi: ah! sim... mas a chuva...

(*Rompe a chover; Leopoldo, Augusto e Polidoro abrem os guarda-chuvas e correm a Violante*)

LEOPOLDO

Minha senhora!

AUGUSTO

Excelentíssima!

POLIDORO

Minha senhora!...

(*Braz desata a rir*)

VIOLANTE

Basta-me um guarda-chuva!

PORFÍRIO

Até mais ver! (*Vai-se correndo*)

CASIMIRO

Mas Clemência está se inundando! um guarda-chuva pa-ra a menina, senhores!

BRAZ (*abrindo grande guarda-chuva inglês*)

Eis aqui a barraca do Braz! (*A Clemência*) Está vendo? um velho amigo vale mais do que três namorados.

(*Multidão de ambos os sexos a fugir da chuva, uns com chapéus de chuva e outros sem eles; Violante segue enfim ao braço de Leopoldo. Polidoro também a serve, inclinando para a frente o guarda-chuva; Augusto fazia o mesmo, mas Casimiro agarra-se a ele e o conquista à força. Braz a rir leva Clemência desapontada. Corrida geral*)

### ATO III

*Sarau em casa de Violante; a grande varanda sobre o jardim que fica ao fundo; portas aos lados comunicando com o interior da casa; ao lado direito parece ficar o salão da dança e da música.*

#### CENA I

*Casimiro e Irene.*

IRENE

Basta, senhor! não posso ouvi-lo mais; até hoje tenho tolerado lisonjas que me pareciam gracejos de um homem idoso a uma menina; nem um só instante, porém, autorizei pretensões, que, ainda mesmo sendo honestas, me causariam repugnância. Agora o senhor acaba de levar as suas impertinências até um ponto, além do qual me aviltaria com a injúria...

CASIMIRO

Calunia as minhas intenções... atenda-me, bela Irene!

IRENE

Lembrou-me a tempo a pobreza, e a triste posição da minha família... eu não devia ter entrado nesta casa... não é aqui o meu lugar... deixe-me... quero ir ver meu irmão.

CASIMIRO

É uma injustiça... protesto... não há de retirar-se... não perturbará com um desgosto esta reunião...

IRENE

Deixe-me passar... senhor...

#### CENA II

*Casimiro, Irene e Violante.*

CASIMIRO

Mana, reclamo a sua intervenção contra a nossa bela vizinha, que pretende retirar-se, supondo-se com dores de cabeça... (*A Irene*) por quem é! (*A Violante*) eu as deixo... mas você, Violante... prenda dona Irene aqui.

### CENA III

*Irene e Violante.*

VIOLANTE

Que tem, menina?

IRENE

Tenho... seu irmão o disse, minha senhora... uma forte enxaqueca... eu não devia ter vindo... é castigo...

VIOLANTE

Enxaqueca! ah! eu sei o que isso é; e por fim de contas o egoísta queria obrigá-la a ficar! enxaqueca menina, vou chamar já seu irmão para conduzi-la. Coitadinha! (*Indo-se*)

### CENA IV

*Irene, Violante e Braz.*

BRAZ

Não vá.

VIOLANTE

Por quê?

BRAZ

A enxaqueca de dona Irene é um pretexto generoso...

IRENE

Senhor!

BRAZ

Não há murmurador que não seja curioso; nas reuniões e em toda parte o meu ofício é espreitar: nobre menina, eu ouvi tudo.

IRENE

Ah!

BRAZ

Não curve a fronte, onde julgue o diadema da honestidade; mas não há razão nem para tanto vexame, nem para tão brava revolta.

IRENE

Não há razão?

BRAZ

Madrinha, parvoíces de Casimiro! no meio de um fogo volante de juramentos de amor, o velho namorado lembrou a esta menina a humilde posição social de sua família, e a insuficiência de seus recursos, e procurou deslumbrá-la com a riqueza que ele espera partilhar com a irmã, meio milhão; explicou-se porém de modo, que dona Irene o entendeu mal.

IRENE

Do que ouvi a um insulto é pequena a distância...

BRAZ

Está confessando que não houve insulto...

VIOLANTE

Casimiro é tão capaz de todas as asneiras, como incapaz de uma ofensa.

IRENE

Ainda assim... devo, quero retirar-me.

BRAZ

Que teimosa! escute; a senhora não pode deixar-nos; a madrinha e eu formamos aqui uma espécie de maçonaria, em que ninguém mais devia entrar; a menina porém acaba de iniciar-se à força pela dignidade com que se houve repelindo Casimiro, e agora é fato consumado, está maçônica... eis o toque... (*Beija-lhe a mão*)

VIOLANTE

Entendo, Braz... ela há de ficar...

IRENE

É impossível... perdão, minha senhora... eu desprezo o dono desta casa.

BRAZ

D<sup>a</sup>. Irene, o irmão da dona desta casa tem um filho...

IRENE

Sobrinho de uma senhora riquíssima, de quem será um dos herdeiros: eu o sei.

BRAZ

Meio ou muito estouvado; mas bom e elegante rapaz, a quem uma bela e ajuizada noiva pode bem fazer assentar a cabeça.

IRENE

Sim... confesso... eu o amava... amo-o talvez ainda; mas hei de vencer este amor: o pai de Mário abriu-me os olhos.

BRAZ

Já não é pequeno favor: e agora, com os olhos abertos, que vê?

IRENE

Vejo o meu horizonte, e não quero sair dele; há certas flores que se amesquinham, e, em vez de vicejar, desabrocham como que em constrangimento, quando a riqueza e o luxo as cultivam por meios artificiais fora dos seus climas; as moças pobres devem ser assim.

Cada qual no seu horizonte; casamentos desiguais são erros perigosos; procurarei um marido entre os artistas ou os operários laboriosos.

VIOLANTE

Menina, meu sobrinho pertence absolutamente ao seu horizonte, menos pelo juízo e pelo labor; já vê que nem mesmo a iguala.

IRENE

Agradecida; este amor foi para mim até hoje doida fantasia poética; se, porém, amanhã o Sr. Mário me pedisse em casamento, eu o rejeitaria; perdão... quero meu pobre irmão... quero ir-me embora...

BRAZ

Vamos procurá-lo; aceita o meu braço? pode aceitá-lo, não é de artífice, nem de artista, mas é de arteiro *et coetera*...

IRENE

Seja o que quiser; tenha a bondade de me levar a meu irmão.

BRAZ

Iremos pelo caminho mais longo para chegar mais depressa; até já, madrinha; verei se consigo serenar este anjinho encolerizado; menina, fui amigo de seu pai... no outro tempo... (*Indo-se com Irene*) antes não tivesse sido, e contasse trinta anos de menos... porque em tal caso, palavra de honra, tomava a enxó de carpinteiro, ou o buril de estatuário, para viver no seu horizonte.

(*Vão-se os dois*)

## CENA V

*Violante e Augusto.*

AUGUSTO

Enfim, minha senhora, a fortuna, desde duas horas cruel, me depara o ensejo mais ardentemente almejado.

VIOLANTE

Para que, Sr. Doutor?

AUGUSTO

Para assegurar a vossa excelência a profunda energia do terno sentimento que me inspirou e a pureza das minhas intenções...

VIOLANTE

Eu não compreendo... e a perturbação... o vexame... seria possível, Sr. Doutor?

AUGUSTO

A minha maior glória fora merecê-la em casamento...

VIOLANTE

A proposição me lisonjeia... mas quando penso que vou fazer sessenta e três anos daqui a dois meses.

AUGUSTO

Diana de Poitiers era bela nessa idade e Ninon de Lenclos inspirou ardente paixão aos oitenta anos.

VIOLANTE

Por fim de contas, não conheci essas senhoras...

AUGUSTO

É natural; elas floresceram em outros séculos.

VIOLANTE

Mas aposto que não usavam, como eu, de óculos e touca; ah, Sr. Doutor, quando o considero tão jovem, e tão bonito, com tanto direito a ser esposo de alguma linda moça...

AUGUSTO

Não me conhece ainda; jovem, tenho já austeros costumes; aborrecem-me essas meninas, para quem a vida consiste em



vaidades e loucuras; o meu belo ideal é a majestade da senhora que passou além dos limites da idade dos desvarios; excelentíssima, nós nascemos um para o outro; vossa excelência é para mim o páramo da vida tranquila, a beatificação pela serenidade; eu sou o desinteresse que assegura a dedicação, o amor que garante a felicidade, e a ciência do direito que defenderá sem ambição a sua fortuna ameaçada pelos velhacos que encham o mundo, e dos quais sou mortal inimigo.

VIOLANTE

Eu me sinto comovida... a ventura é tão grande... tão inesperada...

AUGUSTO (*ajoelhando-se*)

Oh! serei pois tão ditoso!... (*Beijando a mão de Violante*)

VIOLANTE (*suspendendo-o*)

Tenha dó da minha reputação... e dos tormentos do meu pudor; o seu pedido exige reflexão... deixe-me pensar... agora não estou em mim... mas... aqui mesmo... nesta varanda, receberá a minha resposta às duas horas da madrugada em ponto.

AUGUSTO

Que bárbaro adiamento da bem-aventurança que me sorria...

VIOLANTE

Também a mim me custa... creia; dou-lhe a mão a beijar para consolar-nos... mas depressa... que não chegue alguém...

AUGUSTO (*beijando a mão*)

Delícia! delícia!

VIOLANTE

Aí vem minha sobrinha...

AUGUSTO

Até às duas horas. (*Vai-se*)

**CENA VI**  
*Violante e Clemência.*

CLEMÊNCIA

Muito bem, titia!

VIOLANTE

Estavas me espiando?

CLEMÊNCIA

Para quê? a sua aparente vitória é manifesta: há meia hora Leopoldo, que simula desdenhar-me, fez-lhe em um passeio proposição semelhante à do Dr. Augusto e recebeu a mesma resposta.

VIOLANTE

Por fim de contas uma hora antes Polidoro foi o primeiro.

CLEMÊNCIA

Acredito; mas porque a titia marcou aos dois e talvez também a Polidoro o mesmo lugar e a mesma hora para a decisão?...

VIOLANTE

Para te chamar e te pedir que me aconselhasses na escolha do noivo.

CLEMÊNCIA

Estás pois resolvida a casar-se?

VIOLANTE

Que pergunta! fala a verdade: no meu caso que farias?...

CLEMÊNCIA

Não sei responder, porque ainda não tenho a sua idade.

VIOLANTE

Fica pois sabendo que para a mulher o casamento é aos dez anos um brinquedo, aos quinze sonho dourado, aos vinte empenho aflitivo, aos trinta sede devoradora, aos quarenta desesperado desejo, e aos sessenta e daí por diante mais do que paixão, desatinada fúria; faze ideia, como estou entusiasmada! Clemência, em sinal de regozijo, proponho-te a anulação da nossa aposta.

CLEMÊNCIA

Rejeito esse favor, e peço outro: rogo-lhe que me conceda uma dilação.

VIOLANTE

Dilação de quê?

CLEMÊNCIA

Da escolha do seu noivo; se se julga invencível, dê-me oito dias e verá que reconquisto os meus três apaixonados.

VIOLANTE

Oito dias é impossível, morro por casar-me; tu não me concederias oito horas, eu cedo três dias à tua louca vaidade.

CLEMÊNCIA

Três dias?... aceito. Confio na sua palavra; mas trema, titia, porque perdeu as suas vantagens. Veja bem, que tenho três dias. (*Vai-se*)

VIOLANTE

Eu te daria trezentos sem receio de ser vencida. (*Vai-se*)

## CENA VII

*Polidoro e Leopoldo.*

LEOPOLDO

O seu procedimento não é de amigo, parece antes verdadeira traição.

POLIDORO

Em primeiro lugar, amigos amigos, negócios à parte; em segundo, qual de nós pode mais queixar-se do outro?

LEOPOLDO

Eu, que me apaixonei por dona Violante logo que lhe fui apresentado, logo que a vi, logo, logo...

POLIDORO

E se eu lhe dissesse que por ela me apaixonei antes de tê-la visto?

LEOPOLDO

É inverossímil: eis a prova da sua deslealdade comigo.

POLIDORO

Senhor Leopoldo, estamos sós; deixemo-nos de histórias; não há deslealdade, nem amor pela velha em nenhum de nós, o que ambos queremos é pescar o meio milhão.

LEOPOLDO (*batendo no ombro de Polidoro*)

Maganão! como é despachado! pois sejamos amigos; embora eu não seja ambicioso, como o senhor, achando-me namorado de dona Violante, mas respeitando os seus cálculos, proponho-lhe que abandone o seu projeto de casamento, e se eu me casar com a velha dar-lhe-ei cinco por cento do que ela teve em legado.

POLIDORO

Aceite a mesma proposição, tal e qual.

LEOPOLDO

Mas então o senhor é um homem intransigível!...

POLIDORO

Faço-lhe a mesma observação, tal e qual.

LEOPOLDO

Deste modo nunca nos entenderemos.

POLIDORO

Parece.

LEOPOLDO (*batendo-lhe no ombro*)

Maganão! sejamos amigos hein? transação aceitável; de nós dois o vencedor, o feliz, indenizará o outro com os tais cinco por cento, pagos oito dias depois do casamento com a velha; hein?

POLIDORO

Há perfeita igualdade nas condições; salvam-se as entradas, como se diz no empate do trinta e um. Convenho. Palavra de honra?

LEOPOLDO

Na praça só o escrito obriga; assinaremos um contrato bilateral feito em regra e capaz de aparecer... porque...

POLIDORO

Perfeita igualdade de condições: convenho.

LEOPOLDO

Estamos de acordo. Maganão! e como vai de esperanças? vejo bem que a velha está pendendo para o seu lado...

POLIDORO

Qual! arrepia-me quando lhe falo em amor; mas hei de teimar...

LEOPOLDO

Que diabo! então é uma fortaleza; comigo é dura e muda como um rochedo; o senhor já lhe propôs à casamento?

POLIDORO

Ora! que pergunta! e o senhor?

LEOPOLDO

Eu ainda não me animei.

POLIDORO

Tal e qual como eu!

LEOPOLDO

Maganão!... creio que é melhor irmos dançar... mas sempre amigos...

POLIDORO

Perfeita igualdade de condições: convenho.

*(Vão-se)*

### CENA VIII

*Violante e Lauriano. (Ouve-se o canto de uma senhora)*

VIOLANTE

Conhece aquela senhora que canta?...

LAURIANO

De nome e de pessoa; mas não tenho relações com a sua família.

VIOLANTE

Admira que a não felicite com a sua amizade; dizem-me que ela é disputada pelas mais escolhidas sociedades.

LAURIANO

Eu não frequento as sociedades; por exceção vim aqui; sou muito pobre para subir até o mundo elegante, que custa muito caro.

VIOLANTE

Procure enriquecer depressa; o trabalho não basta para tanto; mas com o seu merecimento bem pode fazer casamento rico.

LAURIANO

As moças ricas não olham para mim... eu também não penso em amar inutilmente alguma delas...

VIOLANTE

Há casamentos de conveniência, em que uma senhora, ainda mesmo que não seja moça, pode enriquecer um mancebo, no seu caso.

LAURIANO

Na minha pobreza chegarei talvez a vender o meu relógio... que foi de meu pai; mas por certo que não venderei o meu coração.

VIOLANTE

Quem fala em venda de coração? não exagere o melindre. Por fim de contas figuro uma hipótese; sou velha e feia, não posso pretender nem pretendo ser amada; possuo porém avultada fortuna, e arreceio-me de parentes esbanjadores; se eu pois lhe dissesse: case comigo para aparar minha velhice com a sua amizade e com a sua paciência, como se fosse meu filho, e em troco da sua dedicação, do seu sacrifício, seja rico... brilhe... goze...

LAURIANO

Ainda bem que figurou uma hipótese, minha senhora, deixando-me a liberdade de responder-não-sem a mágoa de ofender pessoalmente vossa excelência.

VIOLANTE

E se por fim de contas não fosse hipótese? se fosse de veras?...

LAURIANO

Ah! eu o sentiria profundamente...

VIOLANTE

Não se aflija por isso; o que o senhor... nobremente... repugna, há naquele salão mais de três que desejam e aspiram...

LAURIANO

Achará por certo mais de trinta, minha senhora; mas se eu fosse capaz de oferecer-lhe um conselho...

VIOLANTE

Aconselhar-me-ia...

LAURIANO

A desprezar miseráveis exploradores da fortuna alheia...

VIOLANTE

Que exaltação de conselheiro! por fim de contas explora-se de todos os modos, e eu lhe juro que por fim de contas a tia está resolvida a casar-se, e a sobrinha ficará sem a herança com que se calcula.

LAURIANO

Minha senhora... julga-me com injustiça...

### CENA IX

*Violante, Lauriano, Clemência, por um lado, Braz, por outro; Braz quer prevenir Violante, Clemência pede que não; mímica expressiva de ambos.*

VIOLANTE

Sei aonde pega o carro... não é capaz de negá-lo! por fim de contas o senhor e Clemência namoram-se... Clemência deixa-se namorar por todos... e o senhor? namorava-a antes de conhecer-lhe a tia velha e rica? responda por fim de contas.

LAURIANO

Minha senhora; com efeito coube-me a honra de conhecer ao mesmo tempo a vossa excelência e a sua digna sobrinha, juntas nesta chácara; também é verdade que amo dona Clemência, a ela não me atrevi ainda a dizê-lo; mas a vossa excelência, pois que o pergunta, declaro-o...

VIOLANTE

Por fim de contas...

LAURIANO



Mas nem jamais pensei na herança possível ou provável de dona Clemência, nem ela até hoje me deixou exaltar com a glória do seu amor...

VIOLANTE

Pois a herança provável foi-se: eu caso-me; e o que possuo será do marido que me aturar...

LAURIANO

Tanto melhor para mim; darei expansão ao meu amor, e a Clemência, não rica, eu pobre ousarei confessar que a amo...

BRAZ

Madrinha! eu sou fiel... atenda que a escutam...

VIOLANTE (*voltando-se*)

Oh!... escutavas?... pois ele não entrou na aposta.

CLEMÊNCIA (*a Lauriano*)

Obrigada!... e pobre ou rica... (*Sinal de contradança dentro*) é a nossa quadrilha... vamos!

(*Vão-se ambos*)

## CENA X

*Violante e Braz.*

BRAZ

Também este, madrinha?... olhe que caçava fora da coutada da aposta!

VIOLANTE

Foi muito incivil comigo; mas hei de ensiná-los.

BRAZ

É uma família de originais; não faz ideia quanto me custou reduzir dona Irene a ficar; precisei recorrer à retórica sentimental; ela, porém, jura que não torna mais a esta casa.

VIOLANTE

Desconfio muito de tanto desinteresse e de tanta virtude; no meio da enchente da desmoralização, não é natural a erupção de dois milagres em uma só família.

BRAZ

Isso é que é natural; deviam sair iguais; porque a educação foi o molde.

VIOLANTE

Tu tens queda para estes dois...

BRAZ

Conheci-lhes o pai, que era original, como eles, e a mãe é uma santa mulher, que sabe só trabalhar e rezar. Como vão os negócios? o sarau que improvisamos dá de si?

VIOLANTE

Ferve-me na cabeça uma ideia, de que talvez te ocupe depois; hoje emprezei os três pretendentes à minha mão de esposa para receberem a minha decisão às duas horas da madrugada em ponto aqui mesmo; cedi porém a Clemência três dias de dilação...

BRAZ

Foi um erro; devia tê-los negado: Clemência tem em mente algum golpe de estado.

VIOLANTE

Foi um acerto... eu te hei de dizer porque... começa a ferver-me certa ideia na cabeça... quanto ao meu triunfo, é coisa certíssima.

BRAZ

Madrinha, a mocidade é traquinas, e como que se entende com o diabo, uma moça esperta é uma espécie de estudante de saia...

VIOLANTE

Que pode Clemência? por fim de contas está vencida.

BRAZ

Isto é como em eleições de deputados; até o lavar dos cestos há vindima. Nas eleições de deputados às vezes saem eleitos os que não tiveram votos; eu adivinho que Clemência vai fazer alguma duplicata.

VIOLANTE

Nem que faça triplicata por fim de contas.

## CENA XI

*Violante, Braz, Irene e Mário que a segue.*

IRENE

Oh! é perseguição que excede as conveniências... Sr. Mário...

MÁRIO

Apelo para o juízo frio e insuspeito da titia e do senhor Braz que estão aqui... é um caso de consciência...

BRAZ

A madrinha é autoridade na matéria, e eu sirvo-lhe de acólito: pode falar.

MÁRIO

Confesso que estou um pouco fora de mim; mas isso mesmo é melhor para o caso, porque quando estou fora de mim, digo as coisas com franqueza...

BRAZ

A conclusão é que quando está dentro de si...: *et coetera...*

MÁRIO

Titia, ao começar o sarau dona Irene contradançou comigo, e mostrou-se bela... bela é mal aplicado, bela sempre ela é, e agora mesmo apesar de enfadada... mostrou-se branda; suave... meiga... quero dizer, eu digo tudo... mostrou-se terna.

IRENE

Senhor!

MÁRIO

Que mal há nisso? eu estava terníssimo: adianta-se a noite... peço-lhe um passeio...

BRAZ

A quem? à noite? os namorados são inimigos da gramática.

MÁRIO

E dona Irene diz-me que está fatigada: enfiei, mas dissimulei; quis conversar com ela; monossilabou-me dois minutos de má vontade e voltou-me logo o rosto; tive um ímpeto, mas contive-me; ainda há pouco enfim requeri-lhe uma valsa, note a titia, uma valsa, a pedra de toque, e sabe o que me respondeu? “não valso”; e isso com as pontinhas de uns lábios enregelados; recuei espavorido... veio-me a ideia que ela tivesse torcido algum de seus lindos pés...

BRAZ

E não torcera?

MÁRIO

Eis a gravidade do caso: não torcera; e logo depois a ingrata valsava, como um anjo, com um cavalheiro que me pareceu o diabo; apelo para a titia: que pensa do fato?

VIOLANTE

Que dona Irene não quis valsar contigo, e quis valsar com outro.

MÁRIO

E daí?

VIOLANTE

Ela estava no seu direito.

MÁRIO

Não estava: eis a gravidade do caso; eu, quando estou fora de mim, digo tudo... ela não estava no seu direito; porque... ora... eu estou fora de mim e digo tudo de uma vez... porque eu a amo, ela ama-me; por consequência, nós nos amamos.

IRENE

Minha senhora, não consinta que o Sr. Mário abuse da minha posição...

MÁRIO

Que mal há nisso? que vexame pode haver no amor mais puro? eu o digo em alta voz: amo-a! o que lhe tenho dito cem vezes ao ouvido, repito-o, para que todos ouçam: amo-a! a senhora também já me confessou que ama-me; porque então me desfeiteou e me maltrata?...

BRAZ

Eu não supunha que os estroinas chegassem a ter eloquência; dona Irene, Mário tem razão, vá dançar com ele...

IRENE

Não dançarei mais esta noite.

MÁRIO

Está ouvindo? mas que fiz eu para ser tratado assim?

VIOLANTE

Estás em maré de infelicidades, Mário; ainda não sabes de outra, cuja notícia já corre, e terá chegado ao conhecimento de dona Irene;

fala a verdade; esperavas um pouco que te coubesse algum dia uma parte da minha riqueza?...

MÁRIO

Sim... titia... para que mentir? tenho imaginado isso por vezes nas horas vagas.

BRAZ

Honra ao estroina!

VIOLANTE

Pois não tornes a imaginar: vou casar-me.

MÁRIO

Casar-se? na sua idade?... e a quem... perdão, eu ia dizendo uma asneira; mas a titia está doida?

VIOLANTE

Sinto que minha felicidade seja um infortúnio para meus parentes.

MÁRIO

Eu também sinto um pouco... é força dizê-lo; em todo caso rogo a Deus que seja feliz; mas... tornemos ao que mais importa...

BRAZ

Há então coisa que te importe mais agora?...

MÁRIO

Que pergunta! e o procedimento de dona Irene?

IRENE (*a Violante*)

Não sei porque supôs que a nova do seu casamento já me tivesse chegado; eu a ignorava; vossa excelência, porém, é incapaz de enganar-nos; com certeza vai casar-se?

VIOLANTE

Dentro de oito dias estarei casada.

IRENE

E a sua fortuna? e os seus parentes?...

VIOLANTE

A minha fortuna será para meu marido a compensação da minha velhice; os meus parentes... hão de ter paciência...

IRENE (*a Mário*)

Quer valsar comigo?

MÁRIO

Case-se, tia! case-se! juro que seu marido não será mais rico do que eu. (*Vai-se com Irene*)

## CENA XII

*Violante, Braz e logo Clemência.*

BRAZ

Ah! quem me dera ser Mário *et coetera!*

VIOLANTE

Acho que é fora do natural e até uma espécie de desacato haver quem ostente não dar importância à minha riqueza!

BRAZ

Madrinha... receio que a sua cabeça hoje... esteja... *et coetera...*

CLEMÊNCIA

Duas horas menos cinco minutos: estou presente.

VIOLANTE

Vem muito cheia de si... por fim de contas.

BRAZ

Foi pena que não contemplasse na oposta o apaixonado que vale mais que os três multiplicados por trezentos mil.

CLEMÊNCIA

Estava injustamente condenado nas reflexões loucas do toucador.

BRAZ

Explique-se.

CLEMÊNCIA

Por meu castigo explico-me: eu tinha medo de amá-lo, porque para marido faltava-lhe com que comprar-me brilhantes.

BRAZ

E agora?

CLEMÊNCIA

Cada um tem os seus segredos, não é, titia?

### CENA XIII

*Violante, Braz, Clemência e Augusto.*

AUGUSTO

Prazo dado de amor que é tarde sempre. (*Vendo Clemência*) Ah!

CLEMÊNCIA

Não se incomode, Sr. Doutor.

AUGUSTO

No mais sério e estremecido empenho só me pode alvoroçar a dúvida do conseguimento da glória.

CLEMÊNCIA (*a Braz*)

Este Doutor é do direito ou do torto?...

BRAZ (*a Clemência*)



Há casos em que o direito está na tortura: este é um deles.

#### CENA XIV

*Violante, Braz, Clemência, Augusto e Polidoro.*

POLIDORO

Dois minutos antes da hora: o relógio do verdadeiro amor anda sempre adiantado. (*A Braz*) Que faz aqui o dr. Augusto?

BRAZ (*a Polidoro*)

Também estou desconfiado: temo que a madrinha o queira tomar por advogado *et coetera*...

VIOLANTE (*a Clemência*)

Este nem caso fez da tua presença: reparaste?

CLEMÊNCIA (*a Violante*)

Eu tenho a dilação, madrinha: lembra-se?

#### CENA XV

*Violante, Braz, Clemência, Augusto, Polidoro e Leopoldo.*

LEOPOLDO

Duas horas: pontualidade inglesa; às ordens de vossa excelência!... (*A Polidoro*) Que significa a presença do Dr. Augusto?

POLIDORO (*a Leopoldo*)

Baldo ao naipe! estou *in albis*.

VIOLANTE

Senhores, agradeço tanta bondade; infringindo as conveniências e os costumes da sociedade, eu os empraizei para a mesma hora e o mesmo lugar a todos três.

POLIDORO

Três!

LEOPOLDO (*a Augusto*)  
O Sr. Doutor também?

AUGUSTO (*a Leopoldo*)  
Admira-se?...

VIOLANTE

Eu procedi assim, não para ofendê-los, mas porque tive para mim que os senhores pensavam somente em zombar de uma velha...

AUGUSTO  
Perdão... eu protesto...

LEOPOLDO  
Minha senhora... reitero a minha proposição...

POLIDORO  
E eu também com o coração nos lábios...

VIOLANTE

Era o que desejava muito ouvir diante do meu afilhado e de minha sobrinha: obrigada! agora, e isto é irrevogável, mais três dias para que os senhores reflitam, e para que eu também assente na minha escolha; daqui a três dias pois, no domingo, os senhores terão a complacência de vir jantar conosco, e no fim do jantar dirigirei o último brinde ao preferido.

*(Confusão e desapontamento dos três)*

BRAZ

Talvez fosse melhor fazer o brinde da preferência antes do jantar.

CLEMÊNCIA

Não, titia: os dois infelizes perderiam o apetite.

VIOLANTE

Será como disse; e até domingo reservo-me o direito de absoluto recolhimento para mais tranquila resolver sobre a escolha.

CLEMÊNCIA

Ao menos porém até o fim do sarau...

BRAZ

Ei-lo que termina a galope.

### CENA XVI

*Violante, Braz, Clemência, Augusto, Polidoro, Leopoldo, galopada geral; os pares invadem a varanda por todos os lados; Lauriano arrebatava Clemência; Mário e Irene galopam; Casimiro passa e volta galopando com uma jovem; ardor na dança. Augusto, Polidoro e Leopoldo cercam Violante.*

BRAZ

Eu defendo a madrinha! não consinto que ela galope!...

### ATO IV

*Salão elegante, que abre ao fundo portas para a varanda, que se vê em parte; janelas ao lado esquerdo, abrindo para o jardim; portas ao lado direito.*

### CENA I

*Casimiro e Porfírio.*

PORFÍRIO

Isso não tem senso comum.

CASIMIRO

Digo-te que é um dever de honra, e um recurso para a felicidade da minha vida; seguindo teus conselhos, ofendi Irene, embora não ousasse deixar perceber a extrema e indigna proposição...

PORFÍRIO

Elas arrepiam-se muito no princípio, mas acabam por ceder; teima.

CASIMIRO

Não. Irene é um anjo de pureza, depois do que lhe disse, devo pedi-la em casamento; cumprirei o dever, e me farei ditoso.

PORFÍRIO

Irene tem dezoito anos; daqui a dezesseis anos terá trinta e quatro, e será ainda moça e bela; tu, então, contarás setenta, será inválido da pátria, posto fora do serviço ativo, e apesar teu contemplado na passiva.

CASIMIRO

Setenta anos!... não chego lá; quero passar em flores o resto da vida.

PORFÍRIO

Darás a Clemência madrasta dois anos mais moça.

CASIMIRO

Melhor; brincarão ambas como se fossem irmãs; elas são muito amigas; além disso... Clemência que trate de achar marido... já é tempo.

PORFÍRIO

E Mário?

CASIMIRO

Conheço-lhe o caráter; é de gênio revoltoso, mas por fim obedece-me sempre; hei de convencê-lo a entrar para o seminário de São José, os padres lazaristas deve ganhar muito.

PORFÍRIO

Estás desarrazoando.

CASIMIRO

Nunca tive tanto juízo; olha, tudo me anda às avessas: a Acrobata adoeceu de bexigas e adeus amores! é pena: o ladrão da rapariga arrebatava! a mana Violante está doida, e quer casar; adeus herança! Eu ganho suficientemente no comércio para manter com decência e algum luxo a minha família; e até para capitalizar dois a três contos de réis por ano; mas a paixão pelo belo sexo traz-me sempre a bolsa rasa, e cria-me dificuldades. Irene é pois um sábio recurso; com os seus encantos me fará esquecer todas as Acrobatas, me consolará do casamento de Violante, e me tornará caseiro, circunspecto, grave, econômico e feliz; não achas?

PORFÍRIO

Acho que é uma grande asneira.

## CENA II

*Casimiro, Porfírio, Braz que entra pelo fundo.*

BRAZ

Qual é a asneira? são tantas! agora serão pelo menos duas.

PORFÍRIO

Que lhe importa? nós nunca podemos estar de acordo.

CASIMIRO

Ao contrário, estou certo que desta vez o Braz me apoiará.

PORFÍRIO

Entende-te pois com ele. *(Indo-se)*

CASIMIRO

Espera: não tarda o jantar...

PORFÍRIO

Com o Braz à mesa a indigestão é infalível. *(Vai-se)*

BRAZ

Efeito do molho, tens medo da mostarda *et coetera*.

### CENA III

*Casimiro e Braz.*

CASIMIRO

Quero os teus conselhos; prometes ouvir-me e falar-me seriamente?

BRAZ

Conforme: eu canto segundo o gênero e o caráter da música.

CASIMIRO

Estou cansado de fazer loucuras impróprias da minha idade; ontem fiz a última.

BRAZ

Veremos, qual foi a última?

CASIMIRO

Direi depois; faço-te uma confidência de irmão: eu amo Irene...

BRAZ

Ainda hoje?

CASIMIRO

Hoje mil vezes mais.

BRAZ

Ah! de que data é a tua última loucura?

CASIMIRO

De ontem; já to disse.

BRAZ

Ah! *et coetera*; continua.

CASIMIRO

Amo Irene, mas ontem... eis a loucura... falei-lhe de um modo de que ela justamente se ofendeu... fui insensato... grosseiro...

BRAZ

Até aí muito bem pela conclusão, e Irene?

CASIMIRO

Tratou-me com o desprezo mais esmagador.

BRAZ

E tu?

CASIMIRO

Choro o meu arrependimento, e adoro-a perdidamente; sem Irene continuarei a ser o que tenho sido; com Irene me corrigirei e serei feliz; e tendo-a... des...des... desconsiderado um pouco... entendo que o dever por um lado e o amor pelo outro me ordenam...

BRAZ

A pedi-la em casamento *et coetera*.

CASIMIRO

Essas tuas *et coetera* me apoquentam...

BRAZ

Não faças caso; é costume: porém... essa ideia de casamento na tua idade, e no teu estado...

CASIMIRO

Esquece essas circunstâncias, e, abstração feita, aconselha-me.

BRAZ

Ah! abstração feita, aprovo unanimemente.

CASIMIRO

Não zombas comigo?

BRAZ

De modo nenhum; postas de lado aquelas circunstâncias *et coetera*, aprova-se por força o teu projeto.

CASIMIRO

Falas sério, Braz?

BRAZ

Não vês? abstração feita...

CASIMIRO

Então... é o caso de me prestares o maior favor; Irene está arrufada... se te quisesse encarregar de falar-lhe... de convencê-la...

BRAZ

Encarrego-me, conta comigo; mas... atende, casamento de velho com menina é fazê-lo de improviso, ou falha.

CASIMIRO

Eu não me sinto velho; concordo, porém, e se fosse possível... amanhã mesmo...

BRAZ

Amanhã é impossível, Casimiro; há muita obra a fazer; primeiro alcançar a palavra de Irene, depois obter todas as dispensas na Conceição; tomo tudo a mim; se é que não estás abusando da minha simplicidade, basta que assines os papéis que logo te darei...

CASIMIRO

És meu irmão adotivo, não deves iludir-me, não podes gracejar em tão grave assunto...

BRAZ

Sou teu irmão adotivo, lembraste-o bem; farei por tua felicidade e por tua reputação mais do que esperavas em mim.



CASIMIRO

Braz! meu Braz!

BRAZ

Deixa para depois os agradecimentos; estou tomando gosto à negociação e ao serviço de que me encarregas pela mais interessante coincidência...

CASIMIRO

Que coincidência?

BRAZ

No domingo a madrinha proclama o seu casamento, e no mesmo dia poderás realizar o teu; mas... tu sabes, a alma do negócio é o segredo, e neste gênero de negócios...

CASIMIRO

Principalmente; ninguém me ouvirá palavra, confio em ti, farás tudo. Quanto à coincidência... se pudesses também convencer Violante de que não lhe está bem casar-se na sua idade... de que o ridículo, a murmuração de todos... o mal que faz a seus parentes...

BRAZ

No coração de uma velha o badalo do casamento soa mais forte que o bombo em música de timbaleiros; não há esperança: *lasciate ogni speranza*; a velha entra por força a porta do inferno.

CASIMIRO

Aí chega ela... eu vou passear pelo jardim... Violante me irrita com a sua mania: já brigamos hoje, é melhor sair...

#### CENA IV

*Braz e Violante.*

VIOLANTE (*a Casimiro*)

Pode voltar-me as costas quantas vezes quiser! agradeço-lhe a sua ausência...

BRAZ  
Madrinha!

VIOLANTE  
Pois não! tenho passado o dia em uma roda-viva; que tem ele de opor-se ao meu casamento?

BRAZ  
Mas... eu não a julgava com tanto talento para a zombaria! tem tocado o sublime...

VIOLANTE  
Por fim de contas... não tornes a falar-me assim... tenho uma ideia a ferver-me na cabeça... mandei-te chamar por isso.

BRAZ  
Desde ontem à noite que a madrinha me está logogrifando com a ideia que lhe ferve na cabeça; ainda bem que me mandou chamar: às ordens!

VIOLANTE  
Como te direi, Braz? tu és quase meu filho, atende-me e aconselha-me; mas... não olhes para mim com esses olhos espantados... por fim de contas meteste-me a brincar com fogo... por um lado só a ideia do meu casamento pôs em fúria Casimiro contra mim, e me deu a mostra do pano, e do que devo esperar destes meus parentes; por outro lado, três moços bonitos, amáveis e cada qual mais extremoso, se oferecem a proteger e aditar meus últimos anos.

BRAZ  
Madrinha... o que está dizendo... por quem é... uma senhora de tanto juízo... (*Mudando de tom*) bravo, madrinha! admirável!... até a mim própria iludia! representa perfeitamente!

VIOLANTE

Mas não há ilusão... é a ideia que me está fervendo na cabeça...

BRAZ

Estupendo! é de arrebatat! bravo, madrinha!

VIOLANTE

Pior! queres fazer-me perder a paciência? principias a faltar-me ao respeito!...

BRAZ

Como?... pois não é graça, madrinha?

VIOLANTE

Meu Braz, se eu não me casar, que contarei deste mundo no outro? e por fim de contas quem pode assegurar que eu não seja amada por meu marido? e ainda não amada, ele pelo menos fingirá amar-me, e há de cercar-me de cuidados para que eu lhe deixe toda minha fortuna: esse fingimento me fará feliz...

BRAZ

*Et coetera... et coetera...*

VIOLANTE

Não entendo.

BRAZ

Naturalmente: *et coetera* é grego; mas tem sua eloquência nestes casos.

VIOLANTE

Eu não pensava nestas coisas; tu me expusestes ao fogo... criaste a hipótese... fizeste-me desejar a realidade, oferecendo-ma ou mostrando-ma de perto!... Braz, a gente não é de ferro...

BRAZ

Ah, madrinha! a serpente não pensou que houvesse tentação para a Eva de sessenta e dois anos! sou o maior tolo do Brasil!

VIOLANTE

Reprovas também?...

BRAZ

Não digo isso... mas reflita por algumas semanas antes de se decidir... madrinha... a sua idade...

VIOLANTE

Não vem ao caso; com os anos que tenho, achei de uma vez três pretendentes à minha mão; parte deste princípio e raciocina.

BRAZ

Partindo desse princípio, não há que raciocinar: é casar *et coetera*.

VIOLANTE

Pretendes meter-me à bulha?

BRAZ

Qual! tenho visto disparates maiores; exemplo: o do... o da... o de... não acho agora exemplo; mas sem dúvida haverá muitos; a madrinha quer casar? aprovo; conte comigo em tudo, por tudo e para tudo.

VIOLANTE

Eu contava tanto com os teus epigramas como com a tua dedicação. Agora quero de ti um favor: preciso que até amanhã à noite, me tragas informações miúdas e completas sobre os meus três pretendentes.

BRAZ

Honradíssimos e desinteressadíssimos jovens: iguaizinhos todos três.

VIOLANTE

A tua voz tem um tom de ironia...

BRAZ

Não, senhora; apenas falei em grifo, como diz certo amigo; vá descansar, madrinha; amanhã lhe trarei o relatório das virtudes e das hipotéticas fraquezas daqueles três primores... serei leal, como sempre; vá descansar.

VIOLANTE

Sim, e preciso bem; desde ontem que não durmo... sinto uns abalos no coração...

BRAZ

Vá dormir sossegada; o seu casamento se fará *et coetera... et coetera*.

VIOLANTE

Tu és trigo sem joio. (*Vai-se*)

## CENA V

*Braz e Clemência.*

BRAZ (*acena para dentro chamando*)

Psiu! psiu!

CLEMÊNCIA (*dando-lhe a mão*)

Como passou?

BRAZ

Melhor do que merecia; falemos com algum cuidado... (*Observando*)

CLEMÊNCIA

Que há?

BRAZ

Virei de bordo e venho bater bandeiras; abandonei o partido da madrinha e passo-me para o seu; não se admire, porque isto é trivial.

CLEMÊNCIA

Na minha questão com a titia dispenso absolutamente o seu apoio.

BRAZ

Dê forte, que bem o mereço; mas o caso tornou-se grave; na sua família manifestou-se a loucura contagiosa; é para fazer medo! não me espantaria se hoje ou amanhã a senhora se dirigisse à minha casa para pedir-me em casamento.

CLEMÊNCIA

Tranquilize-se.

BRAZ

Não posso, porque esse é o caráter da epidemia; escute, guarde segredo e auxilie-me em seu próprio interesse; seu pai incumbiu-me de pedir para ele a menina Irene em casamento.

CLEMÊNCIA

É possível?!?! vou contar a Mário.

BRAZ

Deitaria tudo a perder.

CLEMÊNCIA

Meu pai então está doido?

BRAZ

Se a moléstia é reinante!

CLEMÊNCIA

Tem razão... gosto de Irene; mas se meu pai me desse por madrasta... sim... era caso de correr a sua casa a pedi-lo em casamento... é demais!

BRAZ

Não se encolerize; ouça o que mais me ataranta: a madrinha, que instigada por mim fizera a famosa aposta com o único fim de castigar um pouco a sua vaidade, e de ensiná-la a conhecer a torpeza de certos homens, tomou gosto ao brinquedo e quer deveras casar-se.

CLEMÊNCIA

O senhor está gracejando.

BRAZ

O que eu estou é em brasas.

CLEMÊNCIA

Não... a titia diverte-se com os três ambiciosos, e dá-me boa lição...

BRAZ

Falo-lhe como amigo, e membro adotivo da sua família...

CLEMÊNCIA

Mas a titia quer fazer mal a todos nós, expondo-se a muito maior mal?... isso me aflige realmente.

BRAZ

Eis aí pois dois casos de loucura; sou, por felicidade, o confidente da madrinha, e o corretor da negociação casamenteira de Casimiro, mas preciso de auxiliares.

CLEMÊNCIA

Que posso eu fazer?

BRAZ

Muito, conforme as circunstâncias; na questão paterna há de facilitar-me hoje mesmo uma conferência com Irene; mas nem de leve indicará que a não quer por madrasta.

CLEMÊNCIA

Convém prevenir...

BRAZ

Deseja mais um doido na história? a senhora é homeopata, espera curar pelos semelhantes.

CLEMÊNCIA

Farei o que me ordenar.

BRAZ

Quanto à madrinha, estou ainda a ver navios; velha com esperança de casamento é mais teimosa que um galo da Índia a brigar; não sei que faça; a senhora, porém, descobriu um recurso, que me pode servir.

CLEMÊNCIA

Qual! estou aniquilada...

BRAZ

Deixe-se de fingimentos; pediu uma dilatação de três dias; para quê? preciso saber tudo.

CLEMÊNCIA

Apelação de condenada; Mme. Dubarry com o pescoço na guilhotina dizia ainda ao algoz: *"un petit moment, monsieur le baourreau!"*

BRAZ

Desconfia de mim, não é?

CLEMÊNCIA

Desconfio: só tenho um recurso, espere por ele, e vá laborando, como puder, contra a loucura da titia, se é que não veio armar-me uma cilada.

BRAZ



Não tenho direito de protestar... ao menos porém trabalhemos de acordo; eu creio... mas o meu ouvido é ótimo (*baixo*) são pisadas de velha; ela pode dispor de si! se fosse pobre, vocês haviam de empurrá-la! (*Baixo*) não faça caso: (*alto*) esta oposição é pelo receio de perder a herança, com que calculavam! (*Baixo*) ataque-me de rijo: (*alto*) a madrinha não precisa de tutores! (*Baixo*) proteste.

CLEMÊNCIA

Pois que se case... sentirá as consequências...

BRAZ

*Et coetera.*

## CENA VI

*Braz, Clemência e Violante, que viera chegando.*

VIOLANTE

A senhora também pretende pôr-me impedimentos?

CLEMÊNCIA

Não, senhora; case-se, e há de ver o que a espera; por mim já tive o que desejava, a dilação de três dias.

VIOLANTE

Que me importa a dilação? agora o caso é sério e nele só o Braz goza a minha plena confiança.

CLEMÊNCIA

Mas eu não prescindo da aposta.

VIOLANTE

Já ganhei-a, e vou deixar-te para tua consolação dois in-felizes, como desprezados despojos do meu triunfo.

BRAZ (*a Clemência*)

Caráter da loucura epidêmica; não apuro as coisas. (*Alto*) É o que eu dizia: a madrinha vencerá, casará, e, celebrado o casamento, haverá festa, banquete, glória, *et coetera, et coetera*.

VIOLANTE  
Ah, meu Braz!

## CENA VII

*Braz, Clemência, Violante e Mário.*

MÁRIO  
Revolução a consumir-se!

CLEMÊNCIA  
Que temos?

MÁRIO  
Sou outro, porque vou ser outro; decididamente quebrei com o meu passado: quebrei e era de razão; não era? tenho vergonha do que fui...

CLEMÊNCIA  
Mário, tu nos assustas, que é que foste?

MÁRIO  
Um vadio, o escândalo da sociedade, um traste sem préstimo; tenho vergonha... não é de razão? o que me abriu os olhos foi o sopro de um anjo.

BRAZ  
Explica-te, relâmpago!

MÁRIO  
Há uma hora que Irene me disse: “Juras amar-me e que me queres por esposa: em que te ocupas? qual o trabalho de que tirarás o pão para me sustentar?...” Olhei ao redor de mim e dentro de mim, por

fora e por dentro achei-me no vácuo! Palavra de honra, tenho sido um vadio descomunal! não tenho? se são capazes digam em que me ocupo... digam... digam!...

BRAZ

Em trocar as pernas: é ocupação de muitos outros, como tu.

MÁRIO

Não as trocarei mais: Irene fez-me ver a verdade com a luz do amor.

BRAZ

Pois é raro que essa luz mostre assim as coisas.

MÁRIO

Virtude da fonte lucífera; as Irene também são raras o caso é que consumou-se a revolução; sou outro, porque vou ser outro, e não vendo hoje mesmo Hipogrifo, porque Irene mo proibiu.

BRAZ

Nisso ela errou: conservando Hipogrifo, ainda podes desencabrestar.

MÁRIO

Não tenha medo: quero estabelecer-me, trabalhar e enriquecer.

VIOLANTE

A resolução é ótima: que calculas ser?...

MÁRIO

Se eu pudesse, seria banqueiro; mas falta-me a matéria prima; não tenho riqueza... não tenho fundos...

BRAZ

Que asneira, Mário! para ser banqueiro basta o dinheiro dos outros.

MÁRIO

Quero um mister decente: arranjam-mo? vejam se mo arranjam, e cuidado comigo, que adoro os extremos; olhem, que sou capaz de ir quebrar pedras, ou de mostrar-me puxando uma carroça d'água.

BRAZ

E não te vexarias?

MÁRIO

Eu, vexar-me? chapéu desabado à cabeça, blusa a operário francês, calças grossas a ilhéu, sapatões ferrados a italiano, puxando o burro preso à carroça, erguerei orgulhoso a frente ao passar diante das janelas de Irene, porque, vendo-me assim, Irene dirá: "É por mim!"

VIOLANTE

E nós? e o nosso vexame?

MÁRIO

Pois arranjem-me um mister mais decente: eu declaro que estou decidido, sou outro, porque vou ser outro, consumou-se a revolução.

BRAZ

Mas onde tens o capital para comprar dois burros pelo menos, a carroça e os barris?...

VIOLANTE

Para isso não te empresto dinheiro, não contes comigo por fim de contas.

MÁRIO

Nem eu preciso, vendo Hipogrifo: dois contos de reis... é querer.

CLEMÊNCIA

Nunca serás aguadeiro... seria um opróbrio...

MÁRIO

Opróbrio é ser vadio; arranjem-me ocupação mais decente e mais rendosa... concedo oito dias às vaidades de família...

CLEMÊNCIA

Papai trata de obter para ti um emprego público.

MÁRIO

Rejeito *in limine*, por duas razões: primeira, quero estar em oposição muito independente a todos os ministérios; segunda, um aguadeiro ganha mais do que os empregados públicos de escala superior.

BRAZ

Abaixo o aguadeiro! ofereço-te a administração duma pequena fazenda de café com cinquenta escravos sob a condição de metade nos lucros.

CLEMÊNCIA

Excelente!

VIOLANTE

Que fazenda é essa, Braz? suponho que não será a minha.

MÁRIO

Também não aceito.

BRAZ

Então és incontestável.

MÁRIO

Não caio nessa; fora da cidade só casado com Irene.

VOZES (*dentro*)

Mário!... Mário! Mário!...

## CENA VIII

*Braz, Clemência, Violante, Mário e Casimiro.*

CASIMIRO

Mário, aí estão à porta dez ou doze cavaleiros teus amigos... bradam por ti... não ouves?

VOZES (*dentro*)

Mário! Mário!

MÁRIO

Passeio oficial de *sportemen*... parece extraordinário e singular em São Cristóvão... (*Luta interior*) tentação diabólica... eu tinha dado a minha palavra!

VOZES (*dentro*)

Mário! Mário!

MÁRIO

Hipogrifo a brilhar... vou... não vou... (*Vai e volta*)

CASIMIRO

Há de ir... deves cumprir a tua palavra...

MÁRIO

Sou outro, porque vou ser outro... consumou-se a revolução... não vou!

VOZES (*dentro: batem com os açoites nas janelas*)

Mário! mandrião! vem!

MÁRIO (*correndo à janela*)

*Relache par indisposition*: Hipogrifo constipou-se.

## ATO V

*A mesma sala do ato quarto.*

## CENA I

*Clemência e Braz, que chega.*

BRAZ (*grande cumprimento*)

É de mestra!... agora, aconteça o que acontecer, não vá pedir-me em casamento; porque se arrisca à negativa certa.

CLEMÊNCIA

Tão feia ou má sou eu?

BRAZ

Nem feia, nem má; é porém um demoninho de arteira.

CLEMÊNCIA

Veremos nos resultados do artifício. Aqui todos guardam segredo: lembre-se que anteontem se declarou do meu partido...

BRAZ

Bati bandeiras aos seus pés, estou rendido, hoje mil vezes mais.

CLEMÊNCIA

Eu o esperava ansiosa para assegurar-me da sua discrição...

BRAZ

Beijo-lhe as mãozinhas pela dúvida.

CLEMÊNCIA

Agora... desculpe-me... devo completar o meu *toilette*...

BRAZ

Bata as asas e voa já ao paraíso do espelho.

*(Vai-se Clemência)*

## CENA II

*Braz e Casimiro.*

CASIMIRO

Braz... Braz... então?... falaste-lhe de novo?...

BRAZ

Tranquiliza-te, Casimiro! estás que pareces desvairado! para mim são favas contadas; anteontem falei-lhe pela primeira vez e sabes já que houve trovoada e chuva; isto é, rugidos de cólera e lágrimas de dor...

CASIMIRO

Coitadinha!

BRAZ

Ontem de novo ataquei a fortaleza, e, como te disse, Irene defendeu-se com reticências... monossílabos... e enfim com um “saberá mais tarde” assobiado a tremer, que me fez ficar sabendo mais cedo...

CASIMIRO

Confia talvez demais na minha felicidade...

BRAZ

Tão seguro estou de conseguir o meu fim, que, obtida a permissão da mãe e do irmão de Irene, já alcancei todas as dispensas admissíveis para o casamento... em poucos dias teremos a boda.

CASIMIRO

Excelente amigo!... mas hoje?... tornaste a falar-lhe?...

BRAZ

Não há duas horas; Irene é como todas as moças; está morrendo por casar; mas faz-se de boa para ser muito rogada; insisti na história, e ela sorriu-se vaidosa... corou... vês?... foi como se começasse dizendo; “eu...” e pontinhos: depois suspirou... vês?... foi como se acabasse dizendo: “quero” com ponto final *et coetera*.



CASIMIRO

Mas... como, suspirou... isso já é muito, e todavia... pode não ser coisa alguma.

BRAZ

Enganas-te: isso é sempre alguma coisa. Irene caiu no laço; juro-te que desde dois dias o seu olhar, a sua fisionomia, os seus enleios, a sua respiração muitas vezes comprimida, estão denunciando noiva.

CASIMIRO

É verdade que ela ontem falou-me com uma perturbação...

BRAZ

Queres mais claro?

CASIMIRO

Eu queria... o sim decisivo...

BRAZ

Também eu quis, pedi-o, e exigi-o ainda há pouco.

CASIMIRO

E ela?...

BRAZ

Quis falar... hesitou... apertou-me a mão, feliz Casimiro! e enfim, depois de muita confusão... rosas de pejo nas faces... agitação palpitante do seio, *et coetera*, afortunado Casimiro! ela murmurou a custo: "Poupe-me ainda... farei por chegar um pouco cedo para o banquete de dona Violante... e lá... se nos acharmos sós... o senhor me ouvirá... e ficará contente de mim."

CASIMIRO

Oh! ela disse isso? que tu ficarias contente dela?... então é certa a minha dita, Braz! é a consequência...

BRAZ

Lógica, está claríssimo: o contrário fora absurdo *et coetera*; e por essa razão corri a esperá-la aqui; entendi-me com o irmão, que as acompanhará até a escada da varanda, e voltará depois.

CASIMIRO

Ah, meu Braz!

BRAZ

Traduzo ou interpreto: desejas ouvir a minha conferência com Irene.

CASIMIRO

Se fosse possível...

BRAZ

Vaidoso! vaidoso! é uma traição que a tua noiva me agradecerá; quando ela chegar, entra no teu gabinete, e da porta entreaberta ouvirás tudo. Feliz Casimiro! eu ponho-me de sentinela. (*Na janela*)

CASIMIRO

Muito padece quem ama!

BRAZ (*a janela*)

Com efeito um amor assim fora de tempo deve andar aos tombos pelas rugas do coração; mas a madrinha, que é oito anos mais velha do que nós, mostrou-te o caminho do casamento...

CASIMIRO

Que doida! que velha ridícula!

BRAZ

Desta vez é a madrinha que traz nos olhos a trave; mas o argueiro que está nos teus é de um tamanho colossal...

CASIMIRO

Eu sinto verdadeiro amor...

BRAZ

Também a madrinha diz que o sente; é questão de mais ou menos cabelos brancos nos dois amores... mas... Irene chega... como vem formosa! afortunado Casimiro! ao gabinete, perverso.

CASIMIRO (*entrando*)

Conversa de modo que eu ouça distintamente.

BRAZ

Podés contar com isso: conversarei fortíssimo.

### CENA III

*Braz, Irene e Casimiro no gabinete.*

BRAZ

Minha senhora, dou parabéns à minha fortuna, pois que a madrinha e dona Clemência ainda estão aprimorando os seus *toilettes*, e Casimiro e Mário provavelmente mostrando os seus.

IRENE

A fortuna de que fala é determinada pelo cruel dever de dar-lhe contas de mim... compreendo que me cumpre falar, explicar-me, responder-lhe... mas custa-me... o vexame atormenta-me...

BRAZ

Na minha qualidade de homem é evidente que tenho menos vergonha e rompo a discussão, começando pelo fim, o que é mais em regra. Casimiro a adora; a sua mão de esposa vai aditar-me... uma só palavra sua resumirá mil discursos; diga – sim – , e está acabada não, mas principiada a história, e que história? *et coetera*.

IRENE

Devo ser franca: o Sr. Casimiro está adiantado em anos e eu sou quase menina; poderia sentir por ele somente amor filial; como lhe consagrarei amor de noiva? o nosso casamento seria muito desigual, e ainda isso é o menos.

BRAZ

Caio das alturas: pois há mais?... tenha a bondade de chegar-se para mim, que sou um pouco surdo (*Perto do gabinete*) pois há mais?

IRENE

Há: disse que ele é demasiado velho para uma noiva de dezoito anos... tem três idades minhas.

BRAZ

Como?... esta surdez martiriza-me...

IRENE (*mais alto*)

O Sr. Casimiro tem três idades minhas.

BRAZ

Ah! isso é o menos: o que é o mais?...

IRENE

Pois que é necessário dizê-lo... confesso-o... eu já sou amada... e... amo...

BRAZ

Como?...

IRENE (*mais alto*)

Já sou... e amo...

BRAZ

Ah! essa circunstância... bilateral é bilateralmente grave.

IRENE

E ainda mais...

BRAZ

Mais?... então é o infinito na desgraça de Casimiro... estou caído das alturas *et coetera!*

IRENE

Não é o infinito, mas é o impossível moral e absoluto...

BRAZ

Que ilusão a minha! e eu que contava... mas então...

IRENE

O homem por quem sou amada, aquele que amo... Sr. Braz...

BRAZ

Querem ver que sou eu...

IRENE

É... Mário... o filho do Sr. Casimiro...

#### CENA IV

*Braz, Irene, Casimiro no gabinete e Mário, no fundo.*

BRAZ

Como? esta surdez é o diabo.

IRENE (*alto*)

O homem por quem sou amada... aquele que amo... é Mário...

BRAZ

Mário? a atrapalhão é séria; porém... Mário é um estroina.

IRENE

Tem o mais nobre coração... é jovem e belo; eu o amo... o seu defeito era a ociosidade... ama-me porém ternamente... (*Abre-se a porta do gabinete; Casimiro com os traços decompostos; Mário ao fundo entusiasmado*) eu conseguirei corrigi-la... e pelo encanto... pela pureza e santidade do nosso amor levá-lo a trabalhar, a ser útil a si, à sociedade, e a esquecer entretenimentos vãos.

*(Casimiro sai arrebatado ao mesmo tempo que Mário avança)*

MÁRIO

Prova! acabo de vender Hipogrifo.

*(Confusão de Casimiro)*

IRENE

Ah! meu Deus!

BRAZ *(a Casimiro)*

Contém-te, Mário chegou apenas a poucos momentos, e nada ouviu sobre tuas loucas pretensões... é indispensável que ele as ignore sempre.

CASIMIRO *(a Braz)*

Mas como está desmoralizada a mocidade! *(A Irene)* Minha senhora.

IRENE

Senhor... Casimiro...

CASIMIRO

Peço perdão... entrei precipitado...

MÁRIO

Foi a mais feliz surpresa, meu pai.

CASIMIRO

Impertinente! sempre desassissado...

MÁRIO

Porque vendi Hipogrifo? dois contos para raiz de fortuna abençoada pelo amor de um anjo.

BRAZ

Adorável estroina, Deus te abençoe.

IRENE

Eu me confundo... e preferiria ir ver as senhoras.

CASIMIRO (*a Mário*)

Não compreendes que és inconveniente?

MÁRIO

Pois há mal no que disse?... meu pai, amo dona Irene, ela ama-me; logo nos amamos; eu era um vadio, agora vou trabalhar; prova de juízo, vendo Hipogrifo; o que falta só é que meu pai aprove o que falta.

CASIMIRO (*a Braz*)

Que lição cruel, malvado!

BRAZ (*a Casimiro*)

Deixa-te de tingir os cabelos; resigna-te à reforma de namorado *et coetera*, e sabe ser feliz pela felicidade de teus filhos.

## CENA V

*Braz, Casimiro, Irene, Mário, Violante e Clemência.*

VIOLANTE

Mil agradecimentos, dona Irene, por ter vindo honrar o nosso jantar, que será o do meu noivado.

IRENE

Renovo-lhe os meus parabéns, minha senhora; e o seu noivado quando será, dona Clemência?! espero ser convidada.

CLEMÊNCIA

Fiz dois votos: o primeiro para que nós duas tenhamos as nossas bodas no mesmo dia; o segundo, para que a titia assista a elas ainda solteira e sem noivo.

VIOLANTE

Esta pobre invejosa não passa de praguenta amalucada: a minha dita lhe tira o sono e faz delirar; em parte devo desculpá-la: o meu casamento, dona Irene, foi resolvido pelas linhas tortas com que Deus costuma escrever direito; principiou por brinquito de aposta, e vai acabar em coisa séria. Ah! se eu lhe contasse toda a história... mas... bem vê que por fim de contas há no nosso sexo certas revoltas do pudor...

IRENE

Oh!... sem dúvida...

BRAZ

E com todas essas revoltas a madrinha casa-se por fim de contas *et coetera!*

CLEMÊNCIA

Quem sabe? eu hei de ver para crer...

VIOLANTE

O que pretendes é perturbar-me o espírito com temores vãos... ficaste vencida!

CLEMÊNCIA

Confesso; mas espero ficar sem vencedora. (*Impaciência de Violante*) titia, a que horas devem chegar os seus três pretendentes?

VIOLANTE

Às quatro horas precisas (*Consulta o relógio*) são apenas três... ainda tenho de esperar um século!

CLEMÊNCIA

E em uma hora transforma-se o mundo. (*A Braz*) Estou com medo...

BRAZ (*a Clemência*)

E eu não; confio muito nas misérias humanas.



## CENA VI

*Braz, Casimiro, Irene, Mário, Clemência, Violante e um criado, que apresenta em uma salva de prata uma carta a Violante e retira-se.*

VIOLANTE (*a Clemência*)

Vê de quem é essa carta e o que contém.

CLEMÊNCIA (*abre e lê*)

Oh!

CASIMIRO

Que é?

CLEMÊNCIA (*lendo*)

“Minha senhora: cedendo, a meu pesar, a circunstâncias imperiosas, sou obrigado a desistir das minhas pretensões à mão veneranda de vossa excelência; se, porém, o destino não me permite ser esposo, serei ao menos sempre de vossa excelência o mais humilde criado... Dr. Augusto de Melo.”

CASIMIRO

E esta?

VIOLANTE

É falso! Como não sei ler, a maldita invejosa abusa da minha ignorância. (*Toma a carta e dá-a a Braz*) Braz, lê tu esta carta por fim de contas.

BRAZ (*depois de ler para si*)

Tal e qual, madrinha! E a letra e a firma são do Dr. Augusto. Custa a crer... mas este... foi-se! *et coetera.*

VIOLANTE (*dissimulando mal*)

Por fim de contas, era esse o que menos me agradava dos três.

CLEMÊNCIA

Ah, titia!...

VIOLANTE (*com força*)

Ainda tenho dois.

## CENA VII

*Braz, Casimiro, Irene, Mário, Clemência, Violante e o criado, que apresenta segunda carta a Violante e vai-se.*

MÁRIO

Este criado tem cara de correio de más novas.

VIOLANTE (*confusa dá a carta a Braz*)

Lê tu, meu Braz; lê porém direito...

BRAZ (*abre a carta e lê*)

*Et coetera!!!* “Excelentíssima: tendo empregado três dias em refletir, como vossa excelência me ordenou, cheguei à triste convicção de que me cumpre declarar com o mais profundo respeito e dor acerba que dou o dito por não dito, e sou de vossa excelência o servo mais dedicado. – Leopoldo Pereira.” Li muito direito: a madrinha quer arquivar a carta? (*Apresentando-a*)

VIOLANTE

Deita fora esse papel sujo!

CLEMÊNCIA

A titia deve ter paciência, como eu tive...

VIOLANTE

Não me fales!... ainda me ficou o melhor dos três... por fim de contas o mesmo que eu estava resolvida a preferir... (*Senta-se agitada e abana-se forte*)

IRENE

Mas de que modo se explica semelhante procedimento?

VIOLANTE

Juro que são intrigas desta pombinha sem fel! (*Mostra Clemência e abana-se muito*) Por fim de contas está fazendo muito calor!...

### CENA VIII

*Braz, Casimiro, Irene, Mário, Clemência, Violante e o criado, que apresenta terceira carta a Violante e vai-se.*

CASIMIRO

Terceira carta! Será possível que...

VIOLANTE (*vai dar a carta a Braz, e arrepende-se; dá-a a Irene*)

Dona Irene, a senhora é uma santa...

MÁRIO

Apoiado, titia!

VIOLANTE

Uma santa menina que não me enganará: leia, leia a senhora.

IRENE (*abre a carta e lê para si*)

Ah! É demais! Não ouso...

VIOLANTE

Leia, ainda que seja a minha sentença de morte.

IRENE (*lendo*)

"Excelentíssima senhora: tenho a honra de participar a vossa excelência que ontem fiz-me examinar por dois médicos, os quais me declararam com hipertrofia do coração, e condenado ao celibato para viver mais alguns anos que consagrarei ao amor platônico do belo sexo; assim, pois, coagido por força maior e maldizendo da minha hipertrofia, peço mil perdões a vossa excelência..."

VIOLANTE (*arrebata e rasga a carta*)

Basta! Muito obrigada pelo seu favor: por fim de contas... (*A Clemência*) foste tu que os endemoninhaste... mas por fim de contas eles são três demônios.

BRAZ

Madrinha, tudo que Deus faz é por melhor; veja que de três harpias escapou; se se casasse com algum deles sabe o que teria de sofrer?...

VIOLANTE (*encolerizada*)

O quê?... O quê?... O quê?...

BRAZ

Teria de sofrer... *et coetera, et coetera*, madrinha.

CASIMIRO

E ficamos sem noivo para o banquete do noivado!

BRAZ

Menos essa... já temos um... (*Mostrando Mário*) e eis aí outro.

## CENA IX

*Braz, Casimiro, Irene, Mário, Clemência, Violante, Lauriano e, logo depois, Porfírio.*

LAURIANO

Minhas senhoras! Meus senhores!

(*Cumprimento*)

IRENE

Vens radioso de alegria...

LAURIANO

Felicitem-me! Acabo de saber que com ótima aprovação nos exames de suficiência, que fiz, estou habilitado para ensinar diversas matérias de instrução secundária e tenho já prévios ajustes para

lecionar em quatro colégios: oito horas de trabalho por dia; mas é quase riqueza, e seria riqueza completa (*olhando Casimiro e Clemência*) se me fosse dado reparti-la com a escolhida do meu coração...

BRAZ

*Et coetera, Casimiro, et coetera!* Isso é claríssimo, e cai do céu; não cai do céu dona Clemência?...

PORFÍRIO (*arreatado*)

Que é dele?... Que é dele?... Quero abraçá-lo.

CASIMIRO

Quem?

PORFÍRIO

O capitão Jorge de Souza? Que é dele?...

BRAZ (*a Clemência*)

Temo-la travada!

CLEMÊNCIA (*a Braz*)

Agora pouco importa.

PORFÍRIO

Mas que é do capitão?

CASIMIRO

Estás doido?

VIOLANTE

Que capitão, senhor?... Não sabe que o meu infeliz primo Jorge morreu há dois anos em combate no Paraguai?

PORFÍRIO

Mas ressuscitou: no Paraguai muitas vezes se ressuscita; aqui está a gazetilha do *Jornal do Comércio* de hoje... (*Mostra o jornal*)

VIOLANTE

Ressuscitou! Meu primo!...

PORFÍRIO

Estão cambando?... A gazetilha diz que a notícia é dada pela família; aqui está (*lendo*): “O capitão Jorge de Souza, que todos julgavam morto, escapando ao inimigo que o tinha prisioneiro, apresentou-se aos seus bravos companheiros no mesmo dia da vitória do Campo Largo e chegou ontem a esta corte no transporte de guerra”.

VIOLANTE

Meu primo! Meu primo!

PORFÍRIO

Mas é de pasmar! Não os entendo... a gazetilha fala na senhora...

VIOLANTE

Em mim?... Essa é boa! Eu em letra redonda por fim de contas.

PORFÍRIO

Aqui está! Diz, que conforme condição expressa do testamento de seu tio e padrinho, a senhora, sua única e universal herdeira, estava obrigada a entregar toda a herança ao filho, o capitão Jorge de Souza, se em qualquer tempo ele aparecesse vivo...

VIOLANTE

Isso é uma grande mentira; não há tal condição no testamento!

PORFÍRIO

Vamos a melhor!... A gazetilha acrescenta que a senhora ontem mesmo apressou-se a fazer plena entrega da imensa fortuna que herdara, ficando em completa pobreza, mas abençoando generosa a chegada de seu primo. (*Violante mede Clemência de alto abaixo*) Explique-me esta embrulhada...

CLEMÊNCIA (*abaixando os olhos*)

A tia perdoe... se a gazetilha não está bem redigida... para outra vez escreverei melhor.

PORFÍRIO

Eu fico às escuras!... Que quer dizer isto?

BRAZ

Foi uma aposta que acabou sem vencedora; pois o vencedor foi somente o dinheiro, que conquistou três miseráveis, logo depois fugidos em debandada ao anúncio da pobreza.

PORFÍRIO

Fiquei na mesma; o Braz quando não diz *et coetera* é ininteligível.

VIOLANTE (*a Braz*)

Meu Braz, vexame até aqui! Por fim de contas não sei onde me esconda!

BRAZ (*a Violante*)

Espere, que eu a salvo já. (*Alto*) Basta de enganar estes pobres meninos: Clemência e Lauriano, Irene e Mário, tendes sido desde alguns dias objetos do nosso inocente divertimento; aqui não há velha noiva ridícula, nem velho com pretensões anacrônicas: ajoelhai-vos diante da tia benfeitora e do pai extremoso!

MÁRIO e CLEMÊNCIA

Como?... Então?...

BRAZ

Mário, eis as dispensas necessárias para que no fim de oito dias estejas casado com dona Irene; a assinatura de Casimiro nestes papéis esclarece tudo.

MÁRIO

Meu bom pai!... (*Recebe os papéis, e vai com Irene beijar a mão de Casimiro*)

CASIMIRO (*a Braz*)

Obrigado, Braz, obrigado. (*Aperta-lhe a mão*)

BRAZ

Dona Clemência, a madrinha nunca pensou em casar-se, quer viver, e vive para seus parentes, e ontem ordenou-me que tivesse pronto para cada um de seus dois sobrinhos um dote de cinquenta contos de réis.

CLEMÊNCIA

Titia... escuse-me as travessuras... sempre a amei... (*Beija-lhe a mão*)

MÁRIO

Com o produto da venda de Hipogrifo, titia, são cinquenta e dois contos de réis para a minha Irene; não quero porém desigualdades; cedo um conto de réis a Clemência, e beijo-lhe a mão... vem beijá-la também, Irene!...

VIOLANTE (*à sobrinha e Irene, que lhe beijam a mão*)

Me deixem!

BRAZ (*a Violante*)

Cem contos de réis pela lição, madrinha... e negócio da China; aceite e cale-se.

VIOLANTE (*a Braz*)

O que eu merecia era ir para o hospício de Pedro II; aceite e calo-me. (*Alto*) E por fim de contas...

BRAZ

*Et coetera... et coetera...*



**Iba Mendes Editor Digital**  
**www.poeteiro.com**